

História e Escatologia

EDUARDO DIATAHY B. DE MENEZES*

I - Prolegômenos sobre História

“O tempo que é matéria da História...

Não se trata de uma afirmação abstrata. Quando eu digo que tudo o que eu desejo é que se desenvolva como método geral da crítica histórica a ideia da produção da memória, da produção do futuro.”

Jacques LE GOFF

“A História não é a acumulação de todos os tipos de eventos que aconteceram no passado. É a ciência das sociedades humanas”

Fustel de COULANGES

“O espaço e o tempo são as duas grandes formas em que se colocam os fatos do universo. Estas formas reais e existentes, apreendidas e abstraídas da realidade pela nossa inteligência, não absolutamente categorias a priori de nossa sensibilidade, como o desejava Kant. Nossa razão não passa de um reflexo da razão universal das coisas. O espaço se estende fora de nós e o tempo corre independente de nós. Sem essa concepção fundamental, a história não seria mais do que uma imensa fantasmagoria.

A.D. XENOPOL

“O sentido dialético de nossa fábula existencial e histórica reside nisto: todos nós somos iguais, porque todos nós somos diferentes”.

Eduardo Diatahy B. de MENEZES

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

A arquitetura da História se elabora no percurso de três processos dialéticos: o que se exprime na oposição ou no diálogo entre o passado e o presente; o que confronta o tradicional ou o antigo e o moderno; e, enfim, o que nasce do antagonismo entre memória e esquecimento.

Todo o meu esforço, nessa primeira parte deste ensaio, é a tentativa de estabelecer uma síntese, mesmo breve, dos vários e principais grandes historiadores que, em meio ao seu ofício, se dedicaram à historiografia, à teoria da História ou a *história da História*; alguns dos quais cheguei também a conviver na minha experiência acadêmica como aos primeiros desta lista: José Honório Rodrigues, Paul Ricœur, Henri-Irénéé Marrou, Michel de Certeau, Jean Delumeau, Jacques Le Goff, Paul Veyne, Sérgio B. de Holanda, Eric Hobsbawm, Marc Bloch, Lucien Febvre, Arnold Toynbee, Fernand Braudel, para não falar nos clássicos.

Toda forma de conhecimento se dá sempre com algum grau de relatividade. Vou tentar explicitar esse aforismo.

O universo da realidade é sempre construído pela semiose da época, pela construção social do sentido. O olhar de um Dante em Florença do século XIV é diferente do olhar de um Galileu, dois séculos depois. Parte significativa da História é feita por essas mudanças. Nós não temos contato com a verdade, nós temos regimes de verdade: *A Cidade Antiga* (Fustel de Coulanges) e *Do outro lado do espelho e o que Alice encontrou lá* (Lewis Carroll) são exemplos de tais regimes, e de algum modo se assemelham. Essa perspectiva construtivista e histórica é algo diferente da visão essencialista ou positivista do real. Henri Poincaré, matemático, físico e filósofo da ciência, dizia assim: nossas teorias mais avançadas não são verdadeiras nem falsas, elas são elegantes, continuarão vigentes enquanto a gente se apaixonar por elas e elas estiverem funcionando. Quando a gente descobre que elas não dão conta de novas questões, a gente muda o paradigma. Permanentemente, nós estamos construindo uma versão do que seja o real. Wittgenstein dizia: os limites de meu mundo são os limites de minha linguagem. Neste momento, estão acontecendo aqui milhões de fenômenos dos quais eu não tenho consciência, e aquilo que eu não consigo constatar não existe. Só existe a partir do momento em que ele se revela mediante determinado modelo ou esquema semiótico. Eis por que as ciências contemporâneas se consideram como uma estética cognitiva.

Um dos questionamentos mais frequentes que os historiadores e os críticos se põem é o de saber se a História é uma ciência. Ora, a reconhecida *História Nova*, nos cem anos de sua elaboração, insistem que ela se relaciona cada vez mais com a sociologia, antropologia, a economia, a demografia, a ciência política, a linguística, a filosofia e mesmo a literatura. Nesse conjunto é impossível não reconhecer seu estatuto científico. Numa longa discussão sobre tal questão, num certo momento Michel De Certeau afirma: “A História não é científica se por científico se entenda um texto que explicita as regras de sua produção. É uma mistura, é ficção-científica, em que a narrativa tem apenas a aparência do raciocínio, mas que também não é menos circunscrita por controles e possibilidade de falsificações. (...) Efetivamente, esta mistura liga no mesmo texto a Ciência e a fábula, as duas metades simbólicas e abstratamente distintas da nossa sociedade. Nesta medida, ela representa e articula a modernidade” [in Le Goff et al., 1987, p. 39].

Para não me alongar, vou buscar sintetizar um ensaio de Paul Veyne, esse excelente historiador contemporâneo, sobre *o estatuto científico da História*. Inicia dizendo que a palavra ‘história’ designa tanto o que aconteceu quanto o relato do acontecido; a história é, pois, quer uma série de acontecimentos, quer a narrativa destes. Se realmente aconteceram: a história é relato de acontecimentos verdadeiros, por oposição ao romance. Mediante essa norma de verdade, como disciplina, ela tem parentesco com a ciência; ela é uma atividade de conhecimento. Todavia, ela se opõe à ciência, se tomamos este termo num sentido estrito e se ele se reserva às disciplinas como a física ou análise econômica, isto é, fatos, visto que ciência é conhecimento de leis que regulam os fatos. A verdadeira diferença não está entre os fatos, mas entre as disciplinas: o conhecimento histórico é um corpo de fatos e a ciência é um corpo de leis. Alguns dos eventos humanos são estudados por várias disciplinas, porém essas ciências humanas não relatam o que aconteceu aos homens. Como se vê, “história” não é absolutamente sinônimo de “história humana”: a natureza, também, possui sua história e seus historiadores. Portanto, seria inexato crer que só o homem possui uma história. Nossa atitude diante da história da natureza é exatamente a mesma em face da história humana. A razão que decide de qual haveria história é mais sutil, mas é fundamental para compreender qual é a essência do conhecimento histórico. Eis por que a história humana

não se apresenta como a coleta das biografias de todos os homens um por um, e por que a história da natureza não reconta relâmpagos um a um. Eis também de onde vem a ideia confusa de que a história humana não é a história dos indivíduos, mas sim aquela “das sociedades humanas”, ou “do homem em sociedade”, do que há de “coletivo” entre os homens. Se afirmamos que existe um estreito paralelismo entre a história do homem e aquela da natureza, isso não significa absolutamente que tenhamos uma concepção cientificista da história humana. Ao contrário, reconhecemos fortemente que uma diferença enorme separa as duas histórias: o homem delibera e a natureza não o faz; a história humana se tornaria um absurdo se negligenciarmos o fato de que os homens têm objetivos, fins, intenções.

Seria possível indagar se o historiador, fora de sua consciência, estaria limitado em sua visão pela óptica de sua sociedade? Max Weber o afirmava, mas os exemplos que ele apresenta são uma refutação de sua afirmação: ele pretendia que nós nos interessamos pela história grega, pois aos nossos olhos as guerras das tribos cafres ou que os peles vermelhos não são da história. Essas são expressões antiquadas, pois desde o início do século XX, a história realizou sua segunda mutação: a primeira foi aquela pela qual ela se erradicou de sua função de mito coletivo, para se tornar conhecimento desinteressado da verdade pura – os Gregos são os autores dessa mutação; a segunda, a nossa, é aquela pela qual nossos historiadores atuais tomaram consciência pouco a pouco do fato de que *tudo era digno da História* – nenhuma tribo, por minúscula que seja, nenhum gesto humano, por mais insignificante em aparência, são indignos da curiosidade histórica. Não existe uma “grande história”: tudo, até o menor costume, o menor gesto, que esconda sua significação específica e deixe de interessar ao historiador, ao sociólogo, ao etnógrafo, ao demógrafo... Não temos o direito de ignorar qual é a dupla lição do *trabalho* dos historiadores há um século: que a história é conhecimento objetivo, movida pela curiosidade desinteressada, e não expressão de uma situação existencial; e que tudo o que é histórico é digno da História. [ENCYCLOPÉDIA UNIVERSALIS, v. 9, p. 352-354].

* * *

Quero retomar aqui as reflexões que fiz inicialmente, completando em grande parte esse percurso inspirando-me na sabedoria de alguns historiadores, de quem recolhi minha própria visão, sobretudo nas obras grandiosas de um pesquisador brilhante como foi Jacques Le Goff, saudoso amigo. No prefácio que ele fez para a edição francesa e no prefácio para a edição italiana de seu livro *Histoire et Mémoire*, ele fez uma série considerações sobre a História em suas tendências mais recentes, que vou resumir. Numa primeira perspectiva, uma história da história, ou antes uma história dos caminhos ou das condutas históricas, das mentalidades históricas, do ofício do historiador. Refletir sobre as relações entre a história “objetiva” vivida pelos homens, que a fazem ou que a sofrem, e a disciplina ou a “ciência” histórica pela qual profissionais – os historiadores – buscam dominar essa história vivida para pensá-la e explicá-la.

A memória é a matéria prima da história. Mental, oral ou escrita, ou posta em imagens e monumentos, ela é o aquário onde pescam os historiadores. Porque seu trabalho é mais frequentemente inconsciente, a memória é perigosamente submetida às manipulações do tempo e das sociedades que consideram ela mesma como disciplina histórica. Tal disciplina, aliás, vem por seu turno alimentar a memória e entram no grande processo dialético da memória e do esquecimento que vivem os indivíduos e as sociedades. A significação para a história de pares de conceitos opostos que estão no centro do trabalho do historiador; tais como *passado/presente* que é fundamental pois a atividade da memória e da história se baseia sobre esta distinção que aparece na história do saber coletivo. Mas boa parte dessas reflexões são extraída da mentalidade histórica do Ocidente.

Numa perspectiva mais vasta do modo como percebemos a ciência histórica e que é evidentemente ligada à evolução da história “objetiva” da humanidade, duas tarefas essenciais, de longo alento e que são ainda balbuciantes. A primeira é uma história comparada, única capaz de dar conteúdo pertinente às exigências aparentemente contraditórias do pensamento histórico: a busca da *globalidade* de um lado, e o respeito das *singularidades* do outro; por uma parte a atenção ao jogo do acaso e por outra da racionalidade, a articulação dos conceitos e das histórias. E além disso perfilar a ambição, longínqua, de uma *história geral* – como desejava Michel Foucault. Num plano menos dramático da metodologia da história, pode-se observar de um lado aquilo que foi chamado a fratura da

“história em pedaços” e do outro lado os *retornos* de formas tradicionais da história: o retorno da *narrativa*, do *acontecimento*, da *cronologia*, do *político*, da *biografia*. E se poderia dizer que as autocríticas e as revisões devem completar o território da história, para que este se abra a novas fecundidades. A história tem necessidade de *mutações* e não de reações. O front da história é sempre o de um combate. Um combate de ideias. [Le Goff, 1988: 9-15].

Diz o mesmo historiador – em quem me inspiro – que o *conceito de História* dá a impressão hoje em dia de apresentar seis tipos de problemas.

1) Quais as relações existentes entre a história vivida, história “natural” ou então “objetiva” das sociedades humanas e o esforço científico para descrever, pensar e explicar essa evolução: a ciência histórica? Essa diferença permitiu o surgimento de uma disciplina ambígua: a *filosofia da história*. No entanto, desde os inícios do século XX, se desenvolve um campo da *ciência histórica* que estuda sua evolução no interior do desenvolvimento histórico global: a *historiografia* ou história da História.

2) Quais relações a história possui com o tempo, com a duração, quer se trate do tempo “natural” e cíclico do clima e das estações ou do tempo vivido e naturalmente registrado pelos indivíduos e sociedades? De um lado, para domesticar o tempo natural, as diversas sociedades e culturas inventaram um instrumento fundamental e que se tornou também um dado essencial da História: o calendário; e do outro, os historiadores atuais se interessam sempre e cada vez mais com as relações entre *história e memória*.

3) A dialética da História parece se resumir numa oposição ou numa concertação passado/presente ou presente/passado. Tal oposição não é em geral neutra, mas subentende ou exprime um sistema de valorização como por exemplo nos pares antigo/moderno, progresso/reação. Desde a Antiguidade até o século XVIII desenvolveu-se ao redor do conceito de *decadência* uma visão pessimista da História que se exprimiu em certas ideologias da história no século XX. Com o Iluminismo, afirmou-se ao contrário uma visão otimista da história a partir da ideia de *progresso*, que conheceu uma crise na segunda metade do século XX. A história possui então um sentido? Há um sentido ou destino da história?

4) Como já dizia Eric Hobsbawm, num estudo excelente de seu livro *Sobre a História* – ensaios [1998], a história é incapaz de prever ou de predizer o futuro. Portanto, como ela se situa em relação a uma nova “ciência”: a *futureologia*? De fato, a história deixa de ser científica quando se trata do começo e do fim da história do mundo e da humanidade. E no que diz respeito à origem, ela se exprime no mito: a *criação*, a idade de ouro, as idades míticas ou, sob uma aparência científica, a teoria contemporânea do *big bang*. Já quanto ao fim, ela cede o lugar à religião e em especial às religiões da salvação, as quais construíram um “saber dos fins últimos”, a saber a escatologia ou às utopias do progresso cuja principal é o marxismo, que faz a justaposição entre uma ideologia do sentido e do fim da história (comunismo, sociedade sem classe, internacionalismo). No nível da prática dos historiadores, porém, desenvolve-se uma crítica do conceito de *origens*, e a noção de *gênese* tenta a substituir a ideia das origens.

5) No contato com outras ciências sociais, o historiador possui hoje a tendência a distinguir diversas durações históricas. Há um renascimento do *acontecimento*, mas, em sentido inverso, seduzido sobretudo pela perspectiva da *longa duração*. Esta conduz alguns historiadores quer mediante a noção de *estrutura*, quer graças a um diálogo com a antropologia, a avançar a hipótese da existência de uma história “quase imóvel”. Mas alguns questionamentos se impõem: existe uma história imóvel e quais são as relações da história com o estruturalismo? Não há aí também um mais largo movimento de *recusa da história*?

6) A ideia da história como *história do homem*, foi substituída pela ideia da história como ciência dos homens em sociedade, contudo existe ou pode existir apenas história do homem, se já se desenvolveu uma história do clima e mesmo uma história da natureza? E se fora do eixo político que sempre dominou a construção da História, uma série de muitas histórias específicas foram se acumulando: história da vida privada, das crianças, das mulheres, das artes, da música, da ciência, da tecnologia, da beleza, etc.

É algo do conhecimento dos que têm convivência com a História o fato de que seu nascimento é tradicionalmente situado no Ocidente entre as antigas sociedades gregas, onde Heródoto (V século a.C.) se não é o primeiro historiador é visto ao menos como “pai da história”; fato que na

verdade remonta a um passado mais longínquo dos impérios do Oriente: o conhecimento histórico se definia por referência a uma realidade que não era nem construída, nem observada como nas matemáticas e nas ciências da natureza, mas sim sobre aquela que se *inquiria* e se *testemunhava*. É essa a significação do termo grego *historié* e sua raiz indo-europeia: *ver*. A história começou então por ser um relato, relato daquele que pode dizer: “eu vi, eu entendi dizer”. Esse aspecto da história-relato, da história-testemunha jamais cessou de existir no desenvolvimento da ciência histórica. Por uma espécie de paradoxo, vemos atualmente o surgimento de crítica a esse tipo de história pelo desejo de substituir a narração pela explicação, mas ao mesmo tempo o renascimento da história-testemunha mediante o retorno do acontecimento ligado aos novos meios, historiadores na imprensa, e o desenvolvimento da “história imediata”.

Todavia, desde a Antiguidade, a ciência histórica ao recolher *documentos escritos* e transformá-los em testemunhos, ultrapassou o limite atingidos pelos historiadores, testemunha oculares e auriculares, desde a transmissão oral do passado. A constituição posterior de biblioteca e arquivos forneceu assim os materiais da história. Depois, foram sendo elaborados métodos de críticas *científicas*, conferindo à história um de seus aspectos de *ciência* em seu sentido técnico, desde a Idade Média, com o acúmulo de erudição. E de fato não há história sem erudição. Mas assim mesmo como se fez no século XX a crítica da noção de ‘fato histórico’, que não é um objeto dado, visto que resulta da construção do historiador, e que é semelhante ao que se faz hoje a crítica da noção de ‘documento’ – este não é um material bruto, objetivo e inocente, pois que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e sobre seu futuro: *o documento é monumento* (Foucault e Le Goff). Ao mesmo tempo, a escala dos documentos se tornou mais larga: a história tradicional o reduzia aos textos e produtos da arqueologia [ver, por exemplo, o livro de Gordon Chade: *Para uma recuperação do passado – a interpretação dos dados arqueológicos*, 1976]. Atualmente, os documentos se estendem à fala, as fotos, as imagens, aos gestos; assim como se constitui *arquivos orais*, coletas de *etnotextos*; mais os recursos do computador, assim como a história quantitativas, a demografia, a economia, aos métodos estatísticos e a informática das ciências sociais. Não obstante, a distância existente entre a “realidade histórica” e a ciência histórica permitiu aos filósofos e historiadores, da

Antiguidade ao tempo atual, propor sistemas de explicação globais da História (no século XX e em sentidos extremamente diversos, o que faz lembrar Spengler, Weber, Croce, Gramsci, Toynbee, Aron, etc. Boa parte dos historiadores manifestam desconfiança da filosofia da História, do mesmo modo que se afastam do positivismo triunfante da historiografia alemã e francesa do fim do século XIX e princípio do século XX. Em compensação, há a possibilidade de uma leitura racional a posteriori da História, o reconhecimento de certas regularidades em seu decorrer (base de um *comparatismo* histórico das diversas sociedades e de diversas estruturas), a elaboração de *modelos* que recusam a existência de sistema único (vão nesse sentido: o alargamento da História ao mundo inteiro na sua complexidade, a influência da etnologia, a sensibilidade às diferenças e ao respeito ao outro) que permitem excluir o retorno da História a uma mera narração. Assim, as condições em que trabalham atualmente o historiador explicam além do mais o porquê foi posto e se põe sempre o problema da *objetividade* do historiador. A tomada de consciência da construção do fato histórico, da não inocência do documento lançou uma luz forte sobre os procedimentos de manipulação que se manifestam em todos os níveis da construção do saber histórico.

Isso não impede que o horizonte da objetividade que deve ser o do historiador não deve ocultar o fato de que a história é também uma *prática* social (De Certeau).

Por outra parte, a crítica da noção de fato histórico levou também ao reconhecimento de *realidades históricas* ignoradas por tanto tempo dos historiadores. Ao lado da história política, da história econômica e social, da história cultural nasceu uma história das *representações*, que se revestiu de formas diversas:

História das concepções globais da sociedade ou história das *ideologias*, história das estruturas mentais, ou história das *mentalidades*, história do *imaginário*, história das condutas, das práticas, dos rituais, que reenvia a uma realidade subjacente ou história do *simbólico*, que talvez leve a uma história *psicanalítica*... Enfim, a própria ciência histórica com o desenvolvimento da *historiografia* ou *história da História* é posta numa perspectiva histórica.

Se o tempo constitui o material fundamental da História, que sempre manifesta o esforço das sociedades humanas para transformar o tempo cíclicos da natureza e dos mitos, do eterno retorno, em um tempo linear, distribuídos por grupos de anos: séculos, eras, etc. Portanto, à História são intimamente ligados dois progressos essenciais: a definição de um ponto de partida cronológicos (a fundação de Roma, era cristã, hégira, etc.) e a pesquisa de uma *periodização*, criação de unidades iguais, mensuráveis de tempo. Nessa perspectiva, de uns três séculos ou algo mais, a polêmica sobre a oposição antigo/moderno nasce a propósito da ciência, da literatura e da arte: antigo se torno sinônimo de ultrapassado, e moderno de progressista. Na verdade, a ideia de progresso triunfou com o Iluminismo e se desenvolveu no século XIX e no começo do século XX, sobretudo pelos progressos científico e tecnológicos. Na metade do último século, os fracassos do marxismo e as revelações do estalinismo e do gulag, Os horrores do fascismo e em especial do nazismo e dos campos de concentração, as mortes e destruições da Segunda Guerra Mundial, a bomba atômica – primeira encarnação histórica “objetiva” de um possível apocalipse² –, a descoberta de culturas diferentes da ocidental conduziram a uma crítica da ideia de progresso. A crença em um progresso linear, contínuo, irreversível, que se desenvolve conforme o mesmo modelo em todas as sociedades, isso já não existe mais. A História, que não domina o futuro, está defronte a crenças que mostram um despertar: profecias, visões catastróficas do fim do mundo, ou ao contrário, revoluções iluminadas como as que evocam os milenarismos, etc. É o retorno da escatologia. [Le Goff, 1988: 9-27]³

2 Vale a pena lembrar o importante opúsculo de Karl Jaspers, *A Bomba Atômica e o Futuro da Humanidade*, Rio de Janeiro: Agir, 1958.

3 Na verdade, não fazia sentido alargar esses prolegômenos, tentando fazer uma síntese ou resumo de uma dos melhores ensaios de *historiografia*, que foi publicada por Jacques Le Goff em seu livro *Histoire et Mémoire: “HISTOIRE”* (180 pp.)[1988].

II - História e Escatologia

“Um povo aterrorizado pela iminência do fim do mundo: no espírito de muitos homens de cultura, essa imagem do Ano Mil permanece viva ainda hoje, a despeito de tudo quanto escreveram para destruí-la Marc Bloch, Henri Focillon ou Edmond Pognon. Isso prova que, na consciência coletiva, os esquemas milenaristas absolutamente não perderam de todo em nossa época o seu poder de sedução. Essa miragem histórica, portanto, ocupou um lugar mui comodamente num universo mental inteiramente disposto a acolhê-la. A história romântica a herdara de alguns historiadores e arqueólogos que empreenderam, no século XVII e no XVIII, a exploração científica da Idade Média, dessa época obscura como diziam, subjugada, mãe de todas as superstições góticas que as Luzes começavam então a dissipar. E, na verdade, é por certo no fim do século XV, no momento dos triunfos do novo humanismo, que aparece a primeira descrição conhecida dos terrores do Ano Mil”.

Georges DUBY [1975]

“Há algo grande, mas também profundamente irreal, em viver na esperança”.

Gershom SHOLEM

“A religião é mais gigantesca utopia já aparecida na história”.

Antonio GRAMSCI

Ceste texto posto na primeira das epígrafes acima, que traduzi e cujas passagens mais significativas grifei, para citá-lo aqui como uma espécie de abertura; eu o extraí do livro sobre *O Ano Mil* [1975] da era cristã, do grande medievalista francês e um dos principais colaboradores do movimento da História Nova, Georges Duby (1919-1996), por certo um dos melhores conhecedores dessa temática escatológica constante de nossas raízes culturais (*e que tive a felicidade de conhecê-lo pessoalmente em Paris*), ao lado de outros estudiosos como Norman Cohn, Henri Desroche, V. Lanternari, Jacques Le Goff, Jean Delumeau, Michel de Certeau, etc.

O texto mostra, à maravilha, quão antigas são as raízes dos medos, fantasmas, sonhos e esperanças que povoam nossa mentalidade coletiva, estendendo-se aos nossos dias, conforme ficou claramente demonstrado por várias manifestações sociais, pelo menos no Ocidente, em torno do ano **2000**, inclusive no asséptico mundo da tecnologia de informática, segundo as fantasias e temores construídos e amplamente divulgados sobre o *bug do milênio*, para não falar de medos anteriores em face dos armamentos nucleares, das ondas terroristas ou da nova “peste negra” que nos chegou com a AIDS (**SIDA**, em vernáculo), assim como de outras ameaças de epidemias, como a efetivamente atual do **coronavírus**, ou da terrificante perspectiva de destruição pelo aquecimento global de que nos demos conta com a agudização da consciência ecológica.

E costumam ressurgir mais intensamente a cada fim de centúria e de modo particular na passagem de um milênio. Mais especialmente ainda, neste nosso tempo em que a invenção do nosso cotidiano está intensamente mediada e produzida pelo fluxo dos meios de comunicação de massa, que tudo tende a transformar em espetáculo.

De fato, sob o efeito da aproximação do final do último milênio e o advento do seguinte, abriram-se perspectivas carregadas de fortes e ambíguos sentimentos de angústia e de esperança. Como parece ser mais ou menos permanente, na História, a presença de especulações sobre o *futuro* e de manifestações periódicas de comportamentos coletivos, de natureza místico-política, com forte tendência a se dar a exacerbação dessas ocorrências na proximidade da transição de ciclos temporais de largo espectro como este dos milênios. Que estranho efeito é este que acompanha as comunidades humanas em sua caminhada histórica, com arrimo, sobretudo, em seu universo religioso ou místico?

Evidentemente, não tenho uma resposta pronta para esta questão. Milhares de trabalhos foram escritos e inúmeros simpósios internacionais de especialistas já se realizaram, tanto em busca de uma explicação consistente para a generalidade do fenômeno, quanto para esclarecer casos específicos das diversas áreas culturais do planeta e de diferentes momentos históricos. Uma coisa, porém, é certa: em qualquer área de nossos conhecimentos imperfeitos, são excessivamente suburbanas as teorias deste indigente habitante desta minúscula partícula situada na periferia de uma pequeníssima galáxia dentro do imenso universo, bilhões de vezes

maior e povoado de mistérios e enigmas. Eis por que Pascal exprimia isso num pensamento cheio de espanto e poesia:

“*O silêncio desses espaços infinitos me apavora*”.

Pelo menos no que tange ao horizonte cultural do Ocidente, geralmente caracterizado por sua modernidade, por seu individualismo e por sua racionalidade analítica, instrumental e pretensamente universal, os grandes estudiosos de nossa condição sociocultural, desde o começo do século XX, passaram a assinalar como aspecto saliente das formações sociais urbanas e industriais o seu caráter de sociedade *secularizada*, isto é, onde se amplia a presença de uma cosmovisão científica e o conseqüente desencantamento do mundo pela aparente evacuação do *sagrado* ou sua nítida separação do *profano*.

Ora, acontece que, de súbito, essa convicção “científica” começou a ser abalada por uma como desforra do *homo religiosus*, manifestada numa espécie de *sagrado flutuante*, que se exprime por toda parte e em especial nos grandes centros urbanos (mesmo nos tecnologicamente mais avançados), como parte integrante de um gênero de *nebulosa místico-esotérica*: profusão de religiosidades, de seitas e de grupos: em curso um processo ou movimento que fusiona antigas tradições e tende a produzir novas e expressivas formas.

Isso obriga a refletir sobre o essencial desamparo da condição humana que, oscilando historicamente entre *arché e escháton*, ou, noutros termos, entre a nostalgia do Paraíso e o sonho da Parusia, inclina-se permanentemente a buscar significações transcendentais para sua existência. Mesmo um positivista convicto e honesto, como Émile Durkheim (1858-1917), enfatizava, na sua grande obra da maturidade, sobre *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1912), que “a vida social, sob todos os seus aspectos e em todos os momentos de sua história, só é possível graças a um vasto simbolismo” [o grifo é meu].

Por sua vez, Mircea Eliade (1907-1986), esse bom e culto historiador das religiões, sublinhava o fato de que tais manifestações do campo religioso permanecem o lugar por excelência das *kratophanias*, ou seja, as irrupções no quotidiano de um “inteiramente outro”, um *inexplicado*, que incita o ser humano a olhar para além das fronteiras de seus conhecimentos

provisórios e de suas frágeis certezas, em busca de compreensão desse universo problemático em que existimos.

Afirmei acima que não há resposta inteiramente pronta para o questionamento que tais fenômenos suscitam e muito menos para as formas que estes assumirão nesse futuro próximo em que nos introduz o terceiro milênio, apenas em seu início. O fato não é novo. E o exame das experiências anteriores pode, todavia, trazer algum esclarecimento, na medida em que uma lúcida análise do passado tende a desembocar na **profecia**, e esta, juntamente com os sonhos e as **utopias**, compõe o principal instrumento com que o homem tenta domesticar o futuro e exorcizar seus medos e fantasmas. Tendo morrido em dezembro de 1996, é bastante expressivo o que diz Georges Duby a esse respeito, numa de suas últimas manifestações públicas, justamente num livro intitulado *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*, em cujo prefácio nos oferece este depoimento tocante e lúcido:

“Para que escrever a história, se não for para ajudar seus contemporâneos a ter confiança em seu futuro e a abordar com mais recursos as dificuldades que eles encontram quotidianamente? O historiador, por conseguinte, tem o dever de não se fechar no passado e de refletir assiduamente sobre os problemas de seu tempo. (...) considerei útil confrontar minha experiência de historiador à sua experiência de jornalistas⁴, sobre o que sei acerca do ano 1000 quanto aos medos do ano 2000. Útil e legítimo. As pessoas que viviam, há oito ou dez séculos, não eram nem mais nem menos inquietas do que nós. Em que esses homens e mulheres acreditavam? Quais seus sentimentos? Como eles viam o mundo? A história, da maneira como é escrita hoje, esforça-se por descobri-lo, por penetrar no espírito de uma sociedade para a qual o invisível estava tão presente, era tão digno de interesse que detinha tanto poder quanto o visível. É nisso principalmente que ela se distancia de nossa sociedade. Não apenas discernir as diferenças, mas também as semelhanças entre o que a amedrontava e o que temos pode permitir-nos, tenho certeza, afrontar com mais lucidez os perigos de hoje”. [1998: 9].

4 Ele se reporta aqui a Michel Faure, da revista *L'Express*, e François Clauss, do canal Europe 1, que realizaram as entrevistas de que resultou o livro mencionado.

Foi a essa tarefa de esclarecimento das mutações de consciência que levaram a humanidade a tais manifestações escatológicas e esperanças milenaristas a que se dedicou por mais de meio século outro grande especialista, o historiador inglês Norman Cohn. De fato, desde que, logo após a Segunda Guerra Mundial, escreveu seu primeiro alentado trabalho sobre tais crenças coletivas, *The Pursuit of the Millennium* (1957) – *A Busca do Milênio* –, que os franceses, capturando o conteúdo de sua temática, mas alterando-lhe abusivamente o título, traduziram por *Les Fanatiques de l'Apocalypse* (1964), e que em Portugal ganhou o título mais consentâneo de *Na Senda do Milênio* (1981), este questionamento o levou a investigar as raízes mais remotas e a emergência de uma expectativa que até hoje floresce. A expectativa de que em breve haverá uma consumação extraordinária, quando o Bem derrotará enfim o Mal de uma forma definitiva; a de que os agentes humanos das trevas serão aniquilados ou afastados de outra forma; a de que a partir daí os eleitos irão viver numa coletividade de paz e harmonia, em uma terra transformada e purificada. Tal expectativa possui longa história em nossa civilização e, em sua versão explicitamente cristã, tem exercido e continua a exercer poderoso fascínio; e, em sua versão laicizada, é fácil de reconhecer a sua presença em certas ideologias sociopolíticas. Em contrapartida, parece terem existidos grandes civilizações milenares que jamais a conheceram. Portanto, onde e como tais expectativas surgiram? E que tipo de visão de mundo as antecederam?

A despeito de sua permanente inquietação com esse objeto de estudo, há pouco mais de duas décadas Norman Cohn, insatisfeito com as respostas correntes que os estudos sobre o assunto ofereciam, e na dúvida sobre se os povos “primitivos” ou “arcaicos” de todas as partes e de todas as épocas de fato possuíam um imaginário do tempo repetindo-se em longos ciclos e com recriações periódicas do mundo e da humanidade, bem como se de fato era tão certo que os primeiros a esperar uma consumação final e única tivessem sido os judeus e cristãos, decidiu reavaliar a questão e resumir as conclusões de suas pesquisas em obra mais recente: *Cosmos, Caos e o Mundo que virá: as origens das crenças no Apocalipse* [1996]. E ele próprio nos dá o sumário das conclusões a que chegou:

“Este livro trata de uma grande mudança na história da consciência humana, buscando descrever como o destino do mundo e dos

seres humanos veio a ser imaginado de nova maneira e de que modo se difundiram essas novas expectativas. Uma breve recapitulação do argumento principal talvez não seja ociosa.

Até por volta de 1500 a.C., povos como egípcios, sumérios, babilônios, indo-iranianos e seus descendentes hindus e iranianos, cananeus, israelitas do período anterior ao exílio, todos concordavam que, no início, o mundo havia sido organizado, posto em ordem, por um ou por vários deuses, e que em seus aspectos essenciais esse mundo era imutável. Para cada um desses povos, a segurança – isto é, a fertilidade da terra, a vitória na guerra, a estabilidade das relações sociais sancionadas pelo costume e pela lei – era o signo exterior e visível de que havia de fato uma ordem estabelecida nos céus.

No entanto, essa ordem nunca foi tranquila, estava sempre ameaçada por forças malignas e destrutivas – por vezes identificadas com enchentes e secas, pragas e fome, inércia ou a própria morte, mas, outras vezes, com povos hostis ou conquistadores tirânicos. No mito do combate, em suas várias formulações, o conflito entre a ordem universal e as forças que a ameaçavam invadir e destruir – ou seja, o conflito entre o cosmos e o caos – ganhou expressão simbólica. Um jovem herói ou guerreiro divino recebia dos deuses a tarefa de manter sob controle as forças do caos; em troca, era recompensado com a soberania sobre o mundo.

Entre 1500 e 1200 a.C., Zoroastro rompeu com essa estática, porém aflitiva visão de mundo. E o fez reinterpretando de maneira radical a versão iraniana do mito do combate. Na concepção de Zoroastro, o mundo não era estático nem seria sempre turbulento. Agora mesmo o mundo estava se aproximando, por meio de incessantes conflitos, de um estado sem nenhum conflito. Chegaria um momento em que, numa prodigiosa batalha final, o deus supremo e seus aliados sobrenaturais derrotariam as forças do caos e seus aliados humanos, aniquilando-os de uma vez por todas. A partir de então, a ordem divinamente estabelecida estaria presente de maneira absoluta: as necessidades e as misérias físicas seriam desconhecidas, não haveria nenhum inimigo ameaçador e na comunidade dos redimidos reinaria a unanimidade absoluta; numa

palavra, a ordem do mundo jamais voltaria a ser perturbada ou ameaçada.

Desconhecida antes de Zoroastro, essa expectativa influenciou profundamente determinados grupos judaicos, como o comprovam alguns apocalipses e alguns dos manuscritos encontrados em Qumran [Manuscritos do Mar Morto]. E, sobretudo, influenciou a seita de Jesus, com consequências incalculáveis.

Neste livro, a narrativa dessa mudança segue apenas até o final do século I d.C. – mas a história continuou ao longo dos séculos. E que história! Muita especulação teológica; incontáveis movimentos milenaristas, inclusive os que hoje prosperam com tanto vigor nos Estados Unidos; e até mesmo a atração exercida pela ideologia marxista-leninista – tudo isso pertence a essa história⁵. A tradição cujas origens estudamos aqui continua viva e poderosa. Quem sabe dizer que fantasias, religiosas ou seculares, ela ainda pode engendrar no imprevisível futuro?” [1996: 295-296].

Retomemos sumariamente a reflexão sobre esses movimentos milenaristas a partir do ponto em que o historiador inglês deixou, porque já os examinara exaustivamente em sua obra anterior, mencionada acima.

5 Neste ponto o autor insere a seguinte nota: “Em seu exaustivo estudo *When time shall be no more. Prophecy belief in modern American culture*. Cambridge, Mass., e Londres, 1992, Paul Boyer conclui (p. 15) que as esperanças apocalípticas e milenaristas “tomaram conta do pensamento e da cultura dos Estados Unidos à medida que o século XX chega ao seu final”. O argumento sobre os elementos quase milenaristas na ideologia marxista-leninista é desenvolvido em Cohn, *The Pursuit of the millenium*, Londres e Nova York, 1957, especialmente no prefácio e na conclusão, e, de maneira mais completa, na conclusão da 2ª ed. (1962). Em 1970, quando saiu a 3ª ed., a noção havia se tornado tão familiar que me pareceu apropriado reduzir o argumento a uma breve referência. Na 4ª ed. (1993), a passagem relevante da conclusão de 1962 foi reintroduzida, pois adquirira algum interesse histórico”.

II.2

“Pense no amanhã; o passado não se pode consertar.”

CONFÚCIO, Analectos, s. VI a.C.

“De fato, o sociólogo e seu “objeto” formam uma dupla onde cada um é interpretado pelo outro e cuja relação deve ser ela mesma decifrada como momento da História?”

J. P. SARTRES, Critique de la Raison Dialectique, p. 53

Na perspectiva histórico-antropológica em que me situo, gostaria de trazer à consideração o fato de que tais fenômenos que vêm sendo referidos estejam inseridos no contexto mais amplo da **escatologia**, em suas relações com a História e a Filosofia da História. E na riqueza de seu campo semântico e operatório, esta subsume de certo modo a multiplicidade de fenômenos aqui visados e suas variantes: *milénarismo, apocalíptica, profetismo, utopia e mito*.

Seguirei de modo aproximativo e resumido a exposição de meu saudoso amigo, o historiador Jacques Le Goff, em seu ensaio de síntese sobre o tema [1984: 425-457]. Ressalte-se o fato significativo de que um pesquisador de sua envergadura tenha situado esse estudo sobre **escatologia**, fechando o primeiro volume da *Enciclopédia Einaudi* que trata de “Memória e História”, obra quase toda elaborado por ele: isso sublinha a relação do tema com o modo como os seres humanos lidam com o *tempo* e suas consequências, seus efeitos na construção de seu imaginário social.

Doutrina ou concepção acerca dos fins últimos, a saber, o corpo de crenças relativas ao destino final do indivíduo, da humanidade e do universo, a **escatologia**, presente em quase todas as religiões, das mais diversas formas, pensa o tempo como possuindo um fim ou o divide em períodos, que são outros tantos ciclos cada um com seu próprio fim. Este limite do tempo pode ser concebido como um retorno às *origens*, à idade primeira, que foi a da felicidade (*tempos míticos*) ou, ao contrário, como um fim, senão do mundo, ao menos do mundo tal como é. Nesta última alternativa, o fim do tempo aparece na escatologia judaico-cristã – no quadro da qual se desenvolvem as tendências *milénaristas* – ulterior aos

três primeiros séculos d.C., combatida pela Igreja como formas de heresias, sobretudo a partir de Santo Agostinho.

O termo tem origem no Grego, geralmente usado no plural, *tá eschâta* ‘as últimas coisas’; porém, alguns especialistas, sobretudo teólogos e historiadores da religião, empregam-no no singular, *escháton* ‘o acontecimento final’, para designar o Dia do Senhor, o Dia do Juízo Final, segundo o *Apocalipse* cristão. Permanecendo técnico e erudito, o termo se difundiu na linguagem especializada provavelmente em fins do século XIX, tornando-se de uso corrente no século XX. Utilizado inicialmente, sobretudo, a propósito da religião hebraica e da cristã, foi estendido pelos historiadores às crenças acerca do fim do mundo de outras religiões e, pelos etnólogos, às crenças nesse domínio das sociedades ditas primitivas. Mas existe tendência de filósofos e teólogos contemporâneos a alargar o sentido do termo, em especial do adjetivo *escatológico*; assim como há teólogos, como Cullman, que consideram abusiva essa prática.

A escatologia se refere tanto ao destino último do indivíduo quanto ao da coletividade – humanidade, universo. Mas a escatologia individual só tem real significado na perspectiva da *salvação* e, no quadro da religião cristã, das questões relativas ao julgamento após a morte, à ressurreição e à vida eterna. Noutras religiões, como no Egito antigo, no hinduísmo, no catarismo, na antiguidade greco-romana, no mundo Celta, no mundo germânico, no budismo, etc., predominam outras concepções relativas à escatologia individual e da sobrevivência após a morte.

A escatologia foi aperfeiçoando sua elaboração por meio de escritos de natureza profética que descreviam um *apokalypsis* – ‘revelação’ dos acontecimentos do fim dos tempos. Tais escritos judaico-cristãos foram produzidos nos últimos séculos antes da era cristã e nos primeiros desta; um deles, o *Apocalipse de S. João*, assumiu primazia sobre os demais, sendo introduzido posteriormente pelo cristianismo no *corpus* do Novo Testamento. Em virtude da ampla importância assumida por esses escritos, quer do ponto de vista dogmático, quer histórico, a *apocalíptica* – conjunto da literatura desse gênero – está assim estritamente ligada à escatologia.

As concepções escatológicas colocam muitas vezes, entre o aquém atual e o além do fim dos tempos, um longo período terrestre, espécie de prefiguração desse além celeste. Essa nova era, instalação do céu na terra,

segundo o *Apocalipse*, deve durar “mil anos” e este *Millenium* designou toda uma série de crenças, teorias, movimentos orientados para o desejo, a *espera* e ativação dessa era: são os *milenarismos* – muitas vezes ligados à vinda de um salvador, dum guia sagrado na preparação do fim dos tempos, chamado Messias na tradição judaico-cristã, derivando daí o termo *messianismos*, dado aos milenarismo centrados em torno de uma personagem. Mas destaque-se que o milenarismo se centra sobre a parte do *fim dos tempos* que precede o fim propriamente dito: seu programa é quase invariavelmente político e religioso, confundindo muitas vezes esses dois níveis; além disso, conforme sublinha legitimamente Desroche “se a tradição escatológica tem por objetivo o fim do mundo, a tradição messiânico-milenarista visa apenas ao fim de um mundo no momento do grande dia, o *Millennial Day*, que será ao mesmo tempo o início duma nova Era, duma nova Idade, dum novo Mundo” [1969: 23].

Gênero literário típico da escatologia, os apocalipses procedem em geral sob a forma de *visões* e o tempo do fim é evocado muitas vezes sob forma *profética*: daí o cruzamento entre escatologia e *profetismo*. Textos medievais atribuídos a Joaquim da Fiore (1130? -1202) e inúmeros outros posteriores ao período são intitulados *prophetiæ*. Especialistas aproximam e distinguem profetismo e escatologia. A apocalíptica sucedeu à profecia, e opera segundo o esquema profético da História, mas com algumas diferenças. No apocalipse e na profecia, o evento divino – o *escháton* – corresponde sempre a uma reviravolta decisiva. Em termos mais simples, o futuro visado na profecia nem sempre é o fim dos tempos, e está mais radicado na história; porém, historicamente, escatologia e profetismo uniram-se com frequência, produzindo uma relação entre a primeira fase dos fins dos tempos e a história presente e imediatamente futura.

Outra afinidade, ao mesmo tempo histórica e conceptual, é a que se dá entre escatologia e *utopia*. Mannheim, na quarta parte de seu clássico *Ideologia e Utopia*⁶, em que analisa “A Mentalidade Utópica”, datou essa afinidade no início da Idade Moderna, na Europa. Ter-se-ia dado, primeiramente entre os Hussitas, do século XV e, após, com Thomas Münzer (1489-1525) e os Anabatistas do século XVI. Segundo o sociólogo, “a

6 Vale assinalar que, esquematicamente, esses dois conceitos explorados por Mannheim, neste livro pioneiro na instituição da *sociologia do conhecimento*, significam a forma de mentalidade própria das classes dominantes e a das classes oprimidas, respectivamente.

primeira forma de mentalidade utópica” foi “o quiliasmo orgiástico dos Anabatistas” [1970]. Ora, a utopia milenarista é um conjunto doutrinário que tende para um modelo de *millenium* que se deve realizar num tempo e num espaço; e ainda segundo Mannheim “não tem importância nenhuma que, em lugar de uma utopia temporal, obtenhamos uma utopia espacial” [*Ibid.*]. Destaque-se, todavia, que a utopia não é necessariamente milenarista e que o seu horizonte pode se limitar a um modelo ideal a ser realizado, sem previsão ou espera, de uma segunda fase ou de um dia final.

Enfim, ressalta Le Goff, como a escatologia se constrói frequentes vezes por referência às origens, implícita ou explicitamente (do mesmo modo que o fim dos tempos aparece muitas vezes como um retorno à origem dos tempos, assim como o fim do mundo é posto em relação com a criação do mundo), a escatologia mantém também relações estreitas com o *mito*. Essa relação tem, além disso, “o interesse de integrar, no domínio da escatologia, os mitos paradisíacos dos primitivos e dos grupos arcaicos”, conforme assinalou Mircea Eliade [1963], que ainda observa: “Os mitos do fim do mundo desempenharam um papel importante na história da humanidade. Puseram em evidência a “mobilidade” das “origens” – de fato, a partir de certo momento, a “origem” não está só num passado mítico, mas também num futuro “imaginário”” [*Ibid.*]. Nada obstante, mito e escatologia possuem duas estruturas, dois discursos diferentes. Aquele está voltado para o passado e se exprime pela narrativa; esta mira o futuro e revela-se na visão da profecia que “realiza a transgressão da narrativa: está iminente nova intervenção de Yaweh, que eclipsará a precedente” [Ricoeur, 1985: 888]. Todavia, mito e escatologia [*Heilgeschichte*] “aliaram-se para dar, por um lado, a ideia de uma criação como primeiro ato de libertação e, por outro, a ideia de libertação como ato criador. A escatologia, sobretudo na literatura tardia do cânon hebraico, projeta uma forma profética que é susceptível de fazer um novo pacto com o mito” [*Ibid.*]. Em suma, essa afinidade entre mito e escatologia tem a vantagem de iluminar toda uma exegese de escatologia bíblica que tende para a desmitologização da escatologia judaico-cristã: trata-se de desembaraçar a escatologia cristã dos mitos da criação, em geral de influência grega, e que a desviam de seu verdadeiro propósito – o fim dos tempos, para conduzi-la às origens, tornando inútil a ideia de instauração de uma nova era, transformando-a no regresso à originária.

Evidentemente exorbitaria os limites e o escopo principal deste ensaio pretender ainda examinar as tipologias das experiências escatológicas e muito menos analisar mesmo sumariamente suas modalidades de expressão ao longo dos tempos: escatologias primitivas ou arcaicas, escatologias do Eterno Retorno, escatologias judaico-cristãs (e seus fundamentos vétero- e neotestamentários), escatologia apocalíptica, escatologias e milenarismos do Ocidente medieval, escatologia cristã na Idade Moderna e sua renovação e laicização da época contemporânea⁷. Mas vale, porém, sublinhar um fato singular desse longo processo histórico: a escatologia do antigo Judaísmo possui profunda originalidade na sua ruptura com o tempo cíclico e expressada na sua crença num tempo final, infalivelmente atingido, tal como Deus prometeu ao seu povo, fim esse que será um cumprimento da criação divina. “*De um modo diferente das religiões que a rodeiam, apoiadas apenas em mitos e ritos, o judaísmo dá um sentido ao tempo e à história, que Deus conduz para um fim*”⁸.

Para concluir essas considerações gerais em que busquei resumir os aspectos principais do quadro doutrinário em que se situam as manifestações coletivas desses movimentos sociorreligiosos, dou aqui a reflexão final historiográfica de Jacques Le Goff sobre a relação entre Escatologia e História, em que destaca três séries de fatos essenciais:

- (a) as atitudes em face do tempo e da história,
- (b) os mecanismos profundos da evolução das sociedades, e
- (c) o papel das mentalidades e dos sentimentos coletivos na história.

Com relação aos primeiros desses fatos, lembra ele que Mannheim esclareceu o problema ao ligar teoria e mentalidade, escatologia (utopia), estrutura social e contexto histórico:

7 Breve ideia da amplitude de tais manifestações podem ser constatadas em rápido exame ao Anexo I que apresenta Tabela Recapitulativa das Notícias por Século e Área Geográfica, do extenso levantamento realizado por Henri DESROCHE em seu importante *Dieux d'Hommes: Dictionnaire des Messianismes et Millénarismes de l'Ère Chrétienne* [1969]. Remeto o leitor à Bibliografia final para obras sistemáticas de autores como Norman Cohn, V. Lanternari, Maria Isaura P. de Queiroz, Jean Delumeau, etc.

8 Cf. Galot, J. „Eschatologie“, in Rayez, A. (org.). *Dictionnaire de Spiritualité*. Paris: Beauschesne, 1960, *apud* J. Le Goff, *op. cit.*, p. 436.

“A estrutura interior da mentalidade de um grupo, nunca pode ser apreendida tão claramente, como quando nos esforçamos por compreender a sua concepção de tempo, à luz de suas esperanças, aspirações e desígnios” [1970].

Nessa perspectiva é que se insistiu com razão na originalidade da escatologia judaico-cristã, a qual, dando à história uma origem e um fim (teleológico), e, no caso do Cristianismo, um centro, a Encarnação, conferiu assim verdadeiro sentido à história. Mas, sobrevalorizar esse fato como princípio de organização do mundo e instrumento de domínio do tempo, seria – de um ponto de vista histórico e científico – subestimar, no interior mesmo do judeu-cristianismo, as pulsões (inclusive as inconscientes) que levam a maior parte das sociedades a representar, de modo mais ou menos velado, o *futuro* tendo por modelo o passado e o *fim* como uma reprodução das origens. Não haveria aí certa impotência da humanidade para pensar de fato o futuro? No íntimo desses “desejos dominantes” de que fala Mannheim, não estaria (pense-se nas pulsões reveladas pela psicanálise) um desejo de retorno à matriz original?

Outro problema suscitado pela escatologia é o do lugar da *revolução* numa história finalizada. Duplo problema, aliás: primeiramente, a presença de uma intervenção transcendente nessa história, qualquer que seja o nome ou a forma que assume essa ruptura, talvez traia a impotência dos homens para pensarem uma história, cujo fim se atingiria sem revolução, e nesse sentido os cristãos podem ver na Encarnação um fenômeno revolucionário; em seguida, essa convergência da escatologia com a ideia revolucionária obrigará a perscrutar melhor, não a teoria, mas a realidade histórica, o modo como – expressão de Mannheim – “*estas quimeras que adotam uma função revolucionária*” puderam agir também na evolução histórica. Se rejeitarmos os credos religiosos, nem as explicações idealistas, nem o simplismo das relações entre infra- e superestrutura, conseguem esclarecer tal desconcertante realidade...

Para o historiador, o estudo das escatologias torna mais exigente o trabalho de distinguir História e história, devir histórico e ciência histórica. Na sua perspectiva analítica com respeito à evolução das sociedades, a escatologia e suas manifestações coletivas convidam o historiador a ampliar o horizonte de suas pesquisas de modo a acolher novas problemáticas e a

estudar tais dimensões ainda inexploradas das *mentalidades e sentimentos*. Nesse sentido, deve recorrer mais aos métodos e resultados da história das religiões e da antropologia. Um historiador do Budismo – evoca Le Goff – que analisou a escatologia dessa religião, distingue três modos de pensamento e de estados de consciência do homem em face do tempo: a ausência do tempo como fonte da religião, o conceito de Grande Tempo como fonte do mito, o tempo profano como fonte da razão. E Le Goff conclui: “A escatologia pode tornar-se um dos temas mais interessantes de história geral, para os historiadores contemporâneos e futuros, graças a um novo olhar sobre a escatologia na história, a *espera* e a sua variante religiosa, a *esperança*” [1984: 453].

II.3

“A comparação é a varinha de condão da História”

Marc BLOCH

Postas assim as considerações de caráter mais geral na parte anterior, passemos mais detidamente à temática enfatizada no título deste trabalho.

Tais fenômenos aí anunciados se inserem na categoria que os estudiosos chamam de **milenarismo**, forma latina do grego **quilianismo** [de *Χίλιοι* (*chilioi*): milhar, mil], que consiste na crença no **millenium**, a saber, o período de mil anos – mas é bom atentar para o fato de que o *milênio* aqui é uma forma simbólica para exprimir um período de longa duração – durante o qual o Cristo reinará em pessoa sobre a terra e o Diabo será impotente, segundo prediz o *Apocalipse* de João (20, 1-15):

“¹Vi então um anjo que descia do céu. Ele tinha na mão a chave do abismo e pesada corrente. ²Ele se apoderou do dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satã, e o acorrentou por mil anos. ³Ele o precipitou no abismo, que fechou e selou sobre ele, para que não mais seduzisse as nações até o cumprimento dos mil anos. É preciso, após isso, que ele seja solto por um pouco de tempo. ⁴E eu

vi tronos. Àqueles que vieram ocupá-los lhes foi dado de exercer o julgamento. Eu vi também as almas daqueles que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus, e aqueles que não haviam adorado a besta nem sua imagem e não tinham recebido a marca em suas frentes nem em suas mãos. Eles retornaram à vida e reinaram com o Cristo durante mil anos. ⁵Os outros mortos não retornaram à vida antes do cumprimento dos mil anos. É a primeira ressurreição. ⁶Bem-aventurados e santos aqueles que tomaram parte da primeira ressurreição. A segunda morte não tem poder sobre estes: eles serão sacerdotes de Deus e do Cristo, e reinarão com ele durante os mil anos. ⁷Quando os mil anos forem completados, Satã será solto de sua prisão, ⁸e ele irá seduzir as nações que estão nos quatro cantos da terra, a Gog e a Magog, a fim de reuni-las para o combate: seu número é como a areia do mar. ⁹Eles invadiram toda a extensão da terra e investiram sobre o acampamento dos santos e a cidade bem-amada. Mas um fogo desceu do céu e os devorou. ¹⁰E o diabo, seu sedutor, foi precipitado no lago de fogo e enxofre, onde estavam a besta e o falso profeta. E eles serão atormentados dia e noite pelos séculos dos séculos. ¹¹Eu vi então um grande trono branco e aquele que o ocupava: diante de sua face fugiram a terra e o céu sem deixar traços. ¹²E eu vi os mortos, os grandes e os pequenos, em pé diante do trono, e livros foram abertos. Outro livro foi aberto: o livro da vida, e os mortos foram julgados segundo suas obras, conforme o que estava escrito nos livros. ¹³O mar devolveu os mortos, a morte e o Hades devolveram seus mortos, e cada um foi julgado segundo suas obras.

¹⁴Então a morte e o Hades foram lançados no lago de fogo. Eis a segunda morte! ¹⁵E quem quer que não estivesse inscrito no livro da vida foi precipitado no lago de fogo”⁹

Em suas origens anteriores ao Cristianismo, a visão religiosa segundo a qual o tempo possui um fluxo linear e atinge um ponto final é antiga, posto que muitos povos acreditassem e ainda possuem hoje em dia uma concepção cíclica do tempo. Os antigos egípcios, os povos mesopotâmicos,

9 Traduzi os versículos citados conforme *La Bible Œcuménique*. Édition intégrale. Paris: Cerf, 1989, pp. 3059-3060.

os indo-iranianos, os judeus anteriores ao cativo na Babilônia compartilhavam tal perspectiva fatalista do tempo. Entre 1500 e 1200 a.C., Zoroastro, na Pérsia, propunha nova interpretação e novo paradigma: no final dos tempos, advirá um novo mundo de paz e felicidade. Os hebreus adotaram esta visão, que chega a inspirar seus diversos apocalipses e a ocupar especial relevância entre grupos Essênios de Qumram, e em especial entre cristãos. É, assim, a figura de Cristo e a perspectiva de um retorno para separar os justos dos ímpios aquilo que se apodera do imaginário político-religioso do mundo ocidental durante dois mil anos. O novo advento do Cristo e o Juízo Universal constituem dogma para a Igreja, mas não a perspectiva milenarista que os considere iminentes.

Portanto, esse conjunto de crenças se relaciona com velhíssima tradição que vem pelo menos do zoroastrismo persa e, sobretudo, do judaísmo antigo, com base nas profecias particularmente de Isaías e Ezequiel sobre o reino futuro – e temporal – do Messias (do hebreu *māshiāh*, o *ungido*, traduzido em grego por *Χριστός* (*khristós*) o salvador, o enviado de Deus, que foi o título atribuído pelos cristãos a Jesus).

Além disso, essa tradição se reforça particularmente no século I d.C, quando os primeiros cristãos acreditavam que a Parusia ou Segundo Advento do Cristo seria iminente. Com o passar do tempo e como a efetivação dessa expectativa demorasse, a concepção milenarista foi passando para segundo plano, mas nunca foi de todo abandonada. Diversas seitas, consideradas heréticas na Idade Média, apoiavam-se em tais esperanças, e, até o ano 1000, esse impulso coletivo produziu várias manifestações do gênero, na Europa, em especial durante os surtos de fome e da célebre Peste Negra que dizimou mais da metade de sua população, quando se acreditava, por esses sinais, que estava próximo o fim do mundo.

Eis por que esses fenômenos também são incluídos pelos pesquisadores na categoria do **messianismo**, a despeito das diferenças aí implicadas. A saber, na perspectiva da antropologia social, em linhas gerais, o milenarismo ou quiliasmo se refere a qualquer movimento político-religioso em que a ideia do milênio exerce um papel relevante e se dá a ocorrência de catástrofes que antecedem o fim da ordem vigente e anunciam a instauração de uma era de justiça e felicidade; ao passo que o messianismo se reporta mais especificamente a um movimento do mesmo gênero,

porém baseado na crença num enviado divino, presente ou cuja vinda está próxima, e que anuncia e prepara a abolição das condições vigentes, para enfim instaurar, ou reinstaurar, uma era de abundância, felicidade e justiça. Ambos costumam ocorrer com grupos ou populações em situação de crise e dominação, como no caso de domínio colonial.

O mencionado historiador francês, Georges Duby, no seu ensaio sobre o Ano 1000, referido no início, examina demoradamente esse fenômeno. E observa que, ao contrário do que habitualmente se crê, não foi então que se produziu a primeira descrição dos terrores do Ano Mil, mas sim, em fins do século XV, no momento em que triunfava o novo humanismo renascentista e se abria o horizonte para a emergência da ciência moderna.

Durante a Reforma protestante, os Anabatistas e outros grupos exaltados se voltavam para o firmamento na ardente espera da vinda do Cristo. Alguns místicos e quietistas franceses, e os homens da Quinta Monarquia na Inglaterra preservaram essa tradição.

Paralelamente a estes, na Alemanha, surge a grande figura de teólogo e revolucionário, Thomas Münzer (1489-1525), padre católico que adere à Reforma, mas se separa de Lutero para apoiar a ascensão das revoltas camponesas, representando-o, segundo Karl Mannheim (1893-1947), o elo decisivo entre o quiliasmo místico da Idade Média e o espírito revolucionário do século XIX. Eis por que Engels (1820-1895), que o chama “**profeta da Revolução**”, declarou que para este “o reino de Deus não era outra coisa senão uma sociedade em que não haveria mais nenhuma diferença de classe, nenhuma propriedade privada, nenhum poder coercitivo independente dos membros da sociedade”; e ele, enfim, mereceu nos anos 20 o belo ensaio de Ernst Bloch (1885-1977): *Thomas Münzer, teólogo da revolução*. Mesmo nos séculos seguintes, com todo seu racionalismo e seu iluminismo, espíritos eminentes como Sir Isaac Newton, Charles Wesley, Edward Irving e William Miller foram cultores fervorosos do milenarismo.

Já na esfera católica, provavelmente o nome mais expressivo na elaboração dessa concepção foi o do teólogo Joaquim da Fiori (1135-1202). Era ele monge cisterciense, cuja obra *O Evangelho Eterno* formula uma interpretação trinitária da história, em que a época do Antigo Testamento era o tempo do reino de Deus, a do Novo Testamento era o reino do

Filho, iniciando-se com o Evangelho Eterno o reinado do Espírito Santo. Seu legado espiritual exerceu forte influência sobre vários movimentos de seu tempo e dos séculos seguintes (como os Flagelantes, etc.), vindo desembocar até mesmo entre os pregadores franciscanos *joaquimistas*, que espalharam as “Santas Missões” nos sertões do nosso semiárido e alhures.

Essas crenças perduram na atualidade, sustentadas pelos Adventistas, os Irmãos de Plymouth, os Testemunhas de Jeová, os Mórmons ou Santos do Último Dia (*de que o ex-vice-governador do Ceará, Moroni Torgan, é membro convicto*), e muitas outras seitas cristãs ou afins.

Ao concluir um curto e denso ensaio sobre o tema, Jacques Le Goff suscita outras modalidades de reflexão ao declarar que os movimentos milenaristas constituem por certo terreno privilegiado para a psicanálise do social (N. Cohn diagnosticou os sintomas da paranoia nos mitos e personagens milenaristas), ou para a etnopsiquiatria (p.ex., G. Devereux viu na atitude de adeptos dos *cargo cults* de destruir os recursos existentes, para antecipar o período de alegria e abundância, uma expressão típica de “chantagem masoquista”). Enfim, o problema da laicização se põe a propósito do milenarismo e é legítimo encarar as ideologias do progresso como milenarismos dessacralizados e extenuados [1985: 272].

Em suma, é no interior dessas velhas tradições, que compõem o universo simbólico de uma **cultura do fim mundo**, que se dão as condições de surgimento dos fantasmas e sonhos milenaristas; hoje, acrescidos de inúmeros outros conteúdos culturais desta nossa aldeia global. Parece óbvio que espíritos herdeiros da mentalidade secularizada e racionalista reagirão com desprezo em face de tais manifestações. Mas é bom ter em mente a aguda observação do historiador alemão, Hans Kohn (1891-1971), segundo a qual tais concepções messiânicas estão na base de todas as filosofias da história. E, sobretudo, não esquecer esta reflexão um tanto enigmática e profética que Max Weber (1864-1920) põe quase ao final de seu famoso ensaio sobre *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1905):

“Ninguém sabe ainda quem, no futuro, habitará a jaula, nem se, no fim desse processo gigantesco, aparecerão profetas inteiramente novos, ou então um poderoso renascimento dos pensamentos e dos ideais antigos, ou ainda – no caso de nada disso acontecer – uma

petrificação mecânica ornamentada de uma espécie de vaidade convulsiva. Em todo caso, para os “derradeiros homens” desse desenvolvimento da civilização, as palavras seguintes poderiam se transformar em verdade: “Especialistas sem visão e voluptuosos sem coração – esse nada se imagina haver transposto um degrau da humanidade jamais atingido até aí” “.

Ou como afirmava T. S. Eliot: *“No meu fim está o meu princípio”.*

Portanto, mesmo assim, como dizia Marc Bloch:

“Somos os vencidos provisórios de um injusto destino”.

E completava Miguel de Unamuno:

“Somos mais pais do nosso futuro do que filhos do nosso passado”.

Fortaleza, 20 de setembro de 2022¹⁰

AGATISMO ou AGATOLOGIA doutrina segundo a qual, o homem em busca de sua felicidade, todas as coisas tendem para o bem, ainda que os meios não sejam bons. [do grego Agathos (bom)+ ismo].

Algumas fontes para conhecer melhor o assunto

NOTA: como o ensaio acima não pretende ser mais do que uma síntese bastante sumária de algumas das principais questões envolvidas no estudo da ESCATOLOGIA – e do fenômeno dos milenarismos e de suas utopias e profetismos, com seus temas correlatos – em sua relação íntima com a HISTÓRIA e a HISTORIOGRAFIA, dou a seguir uma bibliografia mínima comentada brevemente e que pode servir ao aprofundamento de sua discussão.

10 Comecei uma primeira redação deste trabalho nos anos de 2007, aproveitando outros textos menores que vinha produzindo ao longo das investigações. Esta redação final corrige e amplia fundamentalmente.

AA. VV.:

2002 *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes. [Com um elenco de 107 colaboradores internacionais. Vários dos conceitos básicos deste ensaio são examinados neste excelente dicionário].

ANNALES Économie – Sociétés – Civilisations:

1975, *Histoire et Sciences*, 30^e Année, N. 5, Sep.-Oct. [Este é o periódico mais importante da historiografia na França; destaco os ensaios na perspectiva de nosso tema – Krzysztof Pompián: “L’Histoire de la science et l’histoire de l’histoire”; Charles Morazé: “Les Mythes, les sciences et l’invention sociale”; Annette Laming-Emperaire: “Problèmes de Préhistoire brésilienne”].

ARIÈS, Philippe:

2013, *O Tempo da História*. São Paulo: Editora UNESP. [Com uma bela introdução de Roger

Chartier: “A amizade da História”; Ariès um dos pioneiros da história das mentalidades, examina diferentes atitudes diante da História: “científica”, existencial, para concluir com a história na civilização moderna].

ARMSTRONG, Karen:

1998, *UMA HISTÓRIA DE DEUS* – Quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. São Paulo: Cia. das Letras. [História complexa e fortemente emocional dessa multiplicidade que ao longo dos tempos das várias representações da noção de Deus nessas grandes religiões monoteístas, desenvolvimento inevitável da nova concepção de Deus no século XXI].

ARON, Raymond:

1959, *Mitos e Homens* (no original francês: *L’Opium des Intellectuels*). Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. [Embora seja obra mais ampla, o que mais interessa ao nosso tema são os 3 capítulos que compõem a Segunda Parte: ‘Homens de Igreja e Homens de Fé’, ‘O Sentido da História’, ‘A Ilusão da Necessidade – Do Domínio da História’].

AUERBACH, Erich:

1976, *MIMESIS* – A representação da realidade na literatura ocidental. S. Paulo: Perspectiva. [Este é um clássico dos estudos sobre a interpretação de grandes obras da literatura internacional].

2007, *Ensaio de Literatura Ocidental*. São Paulo: Duas Cidades / editora 34.

AUGÉ, Marc:

1988, *Les Formes de l'Oubli*. Paris: Payot. [Traz ensaio como “a memória e o esquecimento; “a vida como narrativa”; “um dever de esquecer”, etc.].

AZEVEDO, João Lúcio:

1947, *A Evolução do Sebastianismo*. 2ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora. [É um dos primeiros ensaios sobre o profetismo histórico de Portugal que se espalhou no Brasil, cujo autor, bom historiador, foi amigo sincero de Capistrano de Abreu].

BACZKO, Bronislaw:

1978, *Lumières de l'Utopie*. Paris: Payot. [O interesse crescente que se atribui hoje às utopias responde às interrogações sobre nosso tempo. Jamais a utopia foi tão fortemente denunciada e também ardentemente exaltada. O autor examina a imaginação social e as representações utópicas, a relação da utopia com a política e com a metafísica; mas seu melhor capítulo expõe a utopia e a ideia de história-progresso].

BAIGENT, Michael, LEIGH, Richard, LINCOLN, Henry:

1994, *A Herança Messiânica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. [Estudo básico sobre o surgimento da ideia de Messias e sua herança na História, trabalho tanto de investigação bíblica quanto de estudo profundo dos valores contemporâneos na busca do sentido do destino da humanidade que gera a conduta de instituições e nações].

BAJOIT, G.:

1980, “MODÈLE CULTUREL, IDÉOLOGIE ET THÉORIE DE L’HISTOIRE”, *Recherches Sociologiques*, v. XI (1), pp. 3-30. [Modelo cultural e ideologia; analisa alguns teóricos da História; epistemologia da sociologia da história].

BALLARINI, Theodorico e BRESSAN, Gino:

1978, *O Profetismo Bíblico* – Uma introdução ao profetismo e profetas em geral. Petrópolis: Vozes. [Belo ensaio sobre a origem do profetismo e sua evolução Histórica; seus elementos essenciais; gênese e formas literárias; o ensinamento dos profetas].

BALTHASAR, H. Urs von:

1960, *Théologie de l’Histoire*. Paris: Plon. [Conforme diz o título].

BANN, Stephen:

1994, *As Invenções da História* – Ensaio sobre a representação do Passado. S. Paulo: Editora

Unesp. [Autor dá como epígrafe desta obra este aforismo de Thomas Carlyle: “Outras bandeiras tais, ou o que são chamadas Ocorrências, e Fenômenos simbólicos negros ou luminosos irão pairar pela Imaginação Histórica; estes, um após o outro, notemos, com extrema brevidade.”, *A Revolução Francesa*.]

BARON, Salo W.:

1974, *História e Historiografia do Povo Judeu*. São Paulo: Perspectiva.

BARROS, José D’Assunção:

2013, *A Expansão da História*. Petrópolis: Vozes. [É um livro de abertura do conhecimento histórico. Quais os desafios do historiador para as novas décadas do milênio; deverá incorporar novos modos de expressão nos resultados de suas pesquisas; como escrever seu texto ao mesmo tempo como *cientista* e como *artista*; qual o lugar da história local no quadro da historiografia atual?].

BASTIDE, Roger:

1970, *Le Prochain et le Lointain*. Paris: Cujas. [O autor dispensa apresentação tal a relação de suas obras com o Brasil. Neste livro, ele divide seu estudo em três partes: 1. O encontro dos homens; 2. O encontro das civilizações; 3. A trovada mística].

1972, *Le Rêve, la Transe et la Folie*. Paris: Flammarion.

1975, “Le Millénarisme”, in *Le Sacré Sauvage et autres essais*. Paris: Payot. [Autor tão reconhecido no Brasil que dispensa comentário: a maior parte de seus trabalhos se põe na vertente de uma antropologia da História].

BENJAMIN, Walter:

1971, *Œuvres*, v. II – Poésie et Révolution. Paris: Denoël. [Sobretudo os capítulos: Histoire littéraire et science de la littérature; Le narrateur; Thèses sur la philosophie de l’histoire].

2013, *Walter Benjamin, O anjo da história*. Organização e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora. [A obra faz o conjunto de vários textos e fragmentos de Benjamin sobre o conceito da História, críticas, etc.].

BENTIVOGLIO, Julio e LOPES, Marcos Antônio (Orgs.):

2013, *A Constituição da História como Ciência*. De Ranke a Braudel. Petrópolis: Vozes. [Excelentes ensaios sobre as interpretações dos principais historiadores contemporâneos].

BERLIN, Isaiah:

1991, *Limites da Utopia – Capítulos da história das idéias*. Organização de Henry Hardy. São Paulo: Cia. das Letras. [Renomado filósofo e historiador das ideias, dentro da concepção de um estado paradisíaco que tem levado a perguntar-se quais seriam os instrumentos para levar a sociedade até o reino das utopias: ciência ou religião, razão ou virtude, minoria esclarecida ou massa revoltada? O autor examina numa série de ensaios críticos tais questões, e afirma como Kant: Do madeiro tão torto de que é feito o homem nada de totalmente reto pode ser talhado.]

1999, *O Sentido de Realidade – estudos das ideias e de sua história*. Organização de Henry Hardy e Introdução de Patrick Gardiner. Rio de

Janeiro: Civilização Brasileira. [Com outra série de ensaios amplos, ele se torna um guia de todos nós para tudo quanto interessa na História das Ideias].

BERNAL, John D.:

1973, *Historia Social de la Ciencia*. Tomo 1 / La ciencia en la historia. Barcelona: Península.

1968, *Historia Social de la Ciencia*. Tomo 2 / La ciencia en nuestro tiempo. Barcelona: idem. [Esta é uma das raras obras, sobre o tema, que considera também a História das Ciências Sociais e sua inserção no processo histórico geral].

BERND, Zilá (org.):

2007, *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das América*. Porto Alegre: Tomo Editorial / EdUFRGS. [Além de constituir um acervo extraordinário de informações, esta obra toma cada verbete no seguinte processo: *apresentação; histórico; campos de aplicação; síntese crítica e bibliografia literária e teórico-crítica*].

BESSELAAR, José Van Den:

1957, *As Interpretações da História através dos Séculos*, v. I De Homero ao Evolucionismo Moderno. S. Paulo: edição da *Revista de História* (USP). [No início desta obra o autor diz que estaria consagrada à Filosofia da História, mas optou por um título mais modesto. “Mesmo assim... os historiadores acharão meu livro muito filosófico, e os filósofos muito histórico”. De fato, examina as diversas interpretações da História desde Antiguidade até o evolucionismo de Spencer, antiguidade clássica: gregos, judeus e cristãos – o sentido da História, a Bíblia e o cristianismo, a Cidade de Deus, da teologia à filosofia na Renascença, ruptura com o providencialismo e o iluminismo francês e alemão, os sistemas progressistas do séc.XIX, Hegel, marxismo, o positivismo e o evolucionismo.

1958, *As Interpretações da História através dos Séculos*, v. II Temores e Esperanças. S. Paulo: edição da *Revista de História*. [Em especial o cap VI. “Críticos, Profetas e Os Fanáticos”: a secularização da Cultura Moderna, o existencialismo, o Mito contra o Logos, o eticismo

de Huizinga, Kierkegaard antípoda de Hegel, perspectivas sombrias, o misticismo zoológico; e mais dois extensos Capítulos: Entre a Europa e a Ásia, e Ameaça e Promessas: vitalismo, fatalismo e o Significado da História.

BLAJ, Ilana e MONTEIRO, John M, (orgs.):

1996, *HISTÓRIA & UTOPIAS*. XVII Simpósio Nacional de História. S. Paulo: ANPUH. [Ensaio: Utopia moderna; socialismo e Utopia; Utopia e cultura moderna; Utopia e o mundo ibérico; Brasil como utopia].

BLOCH, Ernst:

1975, *Thomas Münzer, théologien de la révolution*. Paris: UGE. [Um dos melhores estudos sobre Thomas Münzer, este que participou de um período de grandes revoluções religiosas e políticas, época de Lutero, Calvino, Erasmo, etc.]

1979, *El Principio Esperanza*, tomo II, versão do alemão por Felipe Gonzalez Vicen. [Este tomo conclui a excelente obra desse que é um dos melhores pensadores marxistas críticos. Ele põe em epígrafe este texto que traduzo: “*O conteúdo do ato da esperança é, enquanto clarificado conscientemente, que explicitado cientificamente, a função utópica positiva; o conteúdo histórico da esperança, representando primeiramente em imagens, indagado enciclopedicamente em juízos reais, é a cultura humana referida a seu horizonte utópico concreto*” (El principio esperanza, tomo I, pp. 135-136). O conjunto deste tomo II, desde o aspecto cultural e corporal, é longa análise das utopias sociais, das visões desiderativas sociais do passado até os projetos e progresso da ciência e as utopias técnicas etc.].

BOILEAU, Abbé:

1986, *Histoire des Flagellants*. Montbonnot-St. Martin: Jerome Millon. [Um dos raros livros dedicados ao exame dos componentes dos movimentos flagelantes, e de reedição dessa obra do passado; a primeira edição é de 1701].

BOSI, Alfredo:

1992, *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia. das Letras. [Esta é uma das boas obras de nossa cultura histórica, semelhante a Gilberto Freyre, Sérgio B. de Holanda e Caio Prado Jr., com com a diferença de que seu percurso reflexiológico se faz na clave da interpretação de nossa formação sócio-histórica].

BOTTÉRO, Jean et KRAMER, Samuel Noah:

1989, *Lorsque les Dieux Faisaient l'Homme – Mythologie Mésopotamienne*. Paris: Gallimard. [Obra de extensa profundidade sobre arqueologia dessa civilização do escrito, gênese do processo civilizatório da humanidade, por esses dois grandes arqueólogos e historiadores]. (Ver adiante algo sobre Samuel N. KRAMER).

BOURETZ, Pierre:

2011, *TESTEMUNHAS DO FUTURO – Filosofia e Messianismo*. S. Paulo: Perspectiva. [Obra imensa, 1.200 pp., deste excelente filósofo francês contemporâneo, que se dedicou à análise de grandes pensadores alemães do s. XIX-XX: Hermann Cohen, Franz Rosenzweig, Walter Benjamin, Gershom Scholem, Martin Buber, Ernst Bloch, Leo Strauss, Hans Jonas, Emmanuel Lévinas].

BOURNEUF, Roland et OUELLET, Réal:

1975, *L'Univers du Roman*. Paris: PUF. [Livro que explora a forma desse termo, a história e a narração; o ponto de vista; espaço; tempo; personagens; etc.]

BRAGA-PINTO, César:

2003, *As Promessas da História – Discursos proféticos e assimilação no Brasil colonial (1500-1700)*. São Paulo: EdUSP. [Esta obra segue uma linha semelhante ao *Visão do Paraíso* de S. B. de Holanda; diz o autor: “Ao traçar o papel dos discursos proféticos e messiânicos desde os primeiros viajantes portugueses até sua teorização na filosofia messiânica de Vieira, discute-se neste livro não apenas como a história se constitui como promessa, mas também *o que e de que modo a história promete*”].

BRAUDEL, Fernand:

1988, *Grammaire des Civilisations*. Paris: Arthaud-Flammarion. [Este livro foi publicado primeiro numa obra coletiva de S. BAILLE, F. BRAUDEL, R. PHILIPPE, *Le Monde actuel, histoire et civilisations*, 1963; na edição atual, começa com a bela Apresentação “Braudel ensina a História”, que diz tudo sobre esta obra, que explica o sentido dessa “gramática” e percorre “as civilizações não europeias”, “o continente negro”, “o extremo-orient”, “as civilizações europeias”, “a América”, “a outra Europa: Rússia”].

BROWN, Norman O.:

1972, *Vida Contra Morte. O Sentido Psicanalítico da História*. Petrópolis: Vozes. [Conforme afirma seu subtítulo, esta obra, assumindo a descoberta de Freud segundo a qual nossos verdadeiros desejos são inconscientes e que há no homem um impulso de morte, busca fazer da psicanálise teoria mais ampla da natureza humana, da cultura e da história].

BROWN, Richard Harvey:

1984, *Society as Text – Essays on Rhetoric, Reason, and Reality*. Chicago: The University of Chicago Press. [Série de ensaios sobre: sociolinguística e mobilização legal; razão como retórica; teoria da retórica e retórica da teoria; e sobretudo ‘retórica e a Ciência da História’; realidade social como texto narrativo; ficção narrativa como texto social; forma literária e teoria sociológica].

1989, *Clefs pour une Poétique de la Sociologie*. Paris: Actes Sud. [Esta obra do mesmo autor é versão francesa de *A poetic for Sociology: toward a logic discovery for the human sciences*; nela destaco os capítulos: estética cognitiva e realismo simbólico; pontos de vista; metáforas e ironia].

BULTMANN, R.:

1957, *History and Eschatology*. Edinburg: Univ. of Edinburg Press. [Há versão em francês desta obra: *Histoire et Eschatologie*. Neuchâtel-Paris: Delachaux et Niestlé, 1959].

BURCKHARDT, Jacob:

1961, *Reflexões sobre a História*. Tradução do alemão e notas de Leo Gilson Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. [Um clássico do século XIX sobre a filosofia da História].

BUREAU, René:

1984, “Messianisme nouveaux en Afrique noire”, in POUPARD, Paul (dir.): *Dictionnaire des Religions*. Paris: PUF, pp.1100-1101.

BURGUIÈRE, André (org.):

1993, *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: IMAGO. [Obra coletiva e de formato semelhante à enciclopédia, com a colaboração de 105 especialistas. Seus verbetes têm em geral o tamanho de ensaios teóricos].

BURKE, Peter:

2003, *Uma História Social do Conhecimento*. De Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar. [Espécie de viagem das Sociologias e Histórias do conhecimento: ofícios do saber e letrados, antigas e novas instituições, centros e periferias, a classificação do conhecimento, seu controle: Igrejas e Estados, o mercado do conhecimento, a parte do leitor, a confiança e o ceticismo].

2012, *Uma História Social do Conhecimento II*. Da Enciclopédia à Wikipédia. Rio de Janeiro: Zahar. [Práticas do conhecimento, o preço do progresso; perdendo e dividindo, uma história social do conhecimento: geografia, sociologia e cronologia].

2016, *Que é História do Conhecimento?* São Paulo: Editora UNESP. [Este bom historiador inglês, que tive a honra de conhecê-lo numa visita que fizemos ao casarão de Gilberto Freyre, elabora um percurso de histórias no plural, recorrendo a exemplos de épocas e lugares tão diferentes quanto os centros de aprendizagem em Bagdá e Damasco, e a questões e dilemas para armazenar conhecimento no início da era moderna européia.]

BYINGTON, Carlos:

1986, “UMA TEORIA SIMBÓLICA DA HISTÓRIA. O MITO CRISTÃO COMO PRINCIPAL SÍMBOLO ESTRUTURANTE DO PADRÃO DE ALTERIDADE NA CULTURA OCIDENTAL”, *Revista Junguiana*, N. I, pp. 120-177. [Este longo artigo é o resumo de um livro em preparo, que desenvolve o tema básico de *Uma Teoria Mitológica da História*].

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.):

2012, *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier. [Obra coletiva de 18 especialistas de diversas universidades públicas: Fluminense, Rio, São Paulo, St. Catarina, Rio Grande do Sul, Brasília. Desde um aprobe epistemológico até avanços e retornos úteis, os autores examinam: História e memória, H. e poder, H. e teoria política. H. e relações internacionais, H. e movimentos sociais, História militar, H. e cultura material, H. e antropologia, H. oral e novos desafios, H. e biografia, Micro-história, H. e textualidade, H. e imagem, H. e informática].

CARR, Edward Hallet:

1976, *Que é História?* Rio de Janeiro: Paz e Terra. [O questionamento do título já nos diz da reflexão historiográfica deste bom historiador inglês].

CARREZ, Maurice:

1984, “Eschatologie”, in POUPARD, Paul (dir.): *Op. cit.*, pp. 526-528.

CASPAR, Robert:

1984, “Eschatologie Musulmane”, in POUPARD, Paul (dir.): *Op. cit.*, pp. 528-529.

CAZELLES, Henri:

1984, “Messianisme dans la Bible: Ancient Testament”, in POUPARD, Paul (dir.): *Op. cit.*, pp.1095-1097.

CAZENEUVE, Jean (sous la direction de):

1984, *HISTOIRE DES DIEUX, DES SOCIÉTÉS ET DES HOMMES*. Paris: Hachette. [Obra de grande porte da qual participam dez especialistas;

com excelente Introdução de Jean Cazeneuve “A Humanidade em sua História”; dividida: Primeiro Período (da pré-história ao s.XV) 1. Arcaísmo, 2. Antiguidade, Oriente, Da barbária à Idade Média; Segundo Período (s.XVI - s. XX) 1. Aberturas e Rupturas, 2. As Grandes Mutações, 3. A Sociedade Moderna, 4. O Homem contemporâneo].

CHAIX-RUY, J.:

1946, *J.-B. VICO Œuvres Choiesies*. Paris: PUF. [Sobretudo sua filosofia da História].

CHARTIER, Roger:

2014, *A Mão do Autor e a Mente do Editor*. São Paulo: EdUNESP. [Chartier é um dos bons historiadores, formado na Sorbonne e ligado à historiografia da Escola dos Annales, professor do Collège de France, toda a Parte I dessa obra é de natureza Historiográfica].

CHÂTELET, François et MAIRET, Gérard (Sous la direction de):

1978, *HISTOIRE DES IDÉOLOGIES*. Vol. 1 – Les Mondes Divins jusqu’au VIII^e siècle de notre ère. Paris: Hachette. [Além da introdução geral, o Estado, a história, a escrita, politeísmo e monoteísmo; as cosmologias antigas, as éticas da Ásia, a ideologia indo-europeia, ideologias pagãs do poder, e de fundo monoteísta do poder]. Vol. 2 – Da Igreja ao Estado do IX^e ao XVII^e século. [A Cristandade, as ideologias do saber e da ordem, a ideologia comunitária e a ética dos negócios, a ordem nova]. Vol. 3 – Saber e Poder do XVIII^e ao XX^e século. [A ideologia do progresso, a ideologia do homem, a ideologia da conquista, as ideologias da guerra ou da paz].

CHENG, Anne:

2008, *História do Pensamento Chinês*. Petrópolis: Vozes. [A autora é doutora em chinês, Professora do Instituto de Línguas e Civilizações Orientais de Paris e pesquisadora da história intelectual e da filosofia chinesas. Essa obra analisa esse percurso desde o II milênio a.C. até o século XX de nossa era].

CHESTERTON, G. K.:

1948, *El Hombre Eterno*. Buenos Aires: Editorial Poblet. [Chesterton ocupou as primeiras décadas do s. XX com seu pensamento pleno de humor e de paradoxos; escritor e crítico literário e de artes, historiador, romancista, dramaturgo, poeta, conferencista, etc., publicou 80 obras, centenas de poemas, 200 contos, 4.000 ensaios e várias peças; neste livro, em sua primeira parte, ele faz em 8 capítulos uma análise que vai desde a paleoantropologia, passando por várias épocas até o fim do mundo.]

CHILDE, Vere Gordon:

1964, *Teorias da HISTÓRIA*. Lisboa: Portugália Editora. [Excelente arqueólogo, antropólogo e historiador, analisa a tradição historiográfica nas relações entre sociedade, ciência e história: métodos de história teológicos e mágicos; métodos históricos naturalísticos – geográfica, antropológica e econômica; a História como ciência comparativa e como processo criador].

1958, *Sociedad y Conocimiento*. B. Aires: Galatea Nueva Visión. [A prehistória do conhecimento]

1976, *Para uma Recuperação do Passado* – a interpretação dos dados arqueológicos. São Paulo: DIFEL. [A obra, além de seu conteúdo como diz o título, traz excelente introdução de Victor dos Santos Gonçalves: “V. Gordon Childe e a recuperação do passado”].

CIORAN, E. M.:

1994, *História e Utopia*. Rio de Janeiro: Rocco. [Autor expõe seu olhar sobre a História, olhar que vislumbra as núpcias entre a utopia e o apocalipse, visão implacável que revela os vínculos entre servidão e liberdade].

CLARKE, Authur C.:

1970, *Perfil do Futuro*. Petrópolis: Vozes. [Autor é um dos futurologista, que exprime uma espécie de utopia científica e tecnológica do tempo: os riscos da profecia ou o malogro da falta de ousadia e da imaginação, a busca do inatingível...].

CLÁSSICOS JACKSON:

1965, *ESTUDOS LITERÁRIOS*. Rio de Janeiro, S. Paulo e Porto Alegre: Edits. W. M. Jackson Inc. [Obra de vários ensaios de diversos especialistas sobre as literaturas clássica, trágicos gregos, francesa, brasileira, alemã, italiana, portuguesa, isabeliana, norte-americana, russa; e com ensaios mais específicos como ‘A literatura na História’, ‘O desenvolvimento da literatura no século XIX’, ‘Literatura Ocidental’, ‘A Literatura na Ciência’, ‘O drama moderno’].

COHN, Norman:

1981, *Na Senda do Milênio*. Milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média. Lisboa: Presença. [Historiador inglês é um clássico nesta área e um dos melhores].

1992, *Cosmos, Caos e o Mundo Que Virá*. As origens das crenças no Apocalipse. São Paulo: Companhia das Letras. [É ele como sempre um dos melhores analistas desta temática, sobretudo nessas duas obras fundamentais desse grande historiador].

COTHENET, Edouard:

1984, “Messianisme dans la Bible: Nouveau Testament”, in POUPARD, Paul (dir.): *Op. cit.*, pp. 1097-1098.

1984, “Millénarisme”, in POUPARD, Paul (dir.): *Op. cit.*, pp. 1105-1106.

CONCILIUM, Revista Internacional:

1983, *Teologia e Cosmologia*. Petrópolis: Vozes, N. 186, v. 6. [Este periódico de Estudos teológicos em suas relações com os grandes temas das Ciências e das Culturas, de que destaco:

Günter Altner - *A mudança evolucionista*; Tharcisse Tshibangu – *Escatologia e Cosmologia*; Mary Hesse – *A Cosmologia vista como um mito*; William Warthling – *Pierre Teilhard de Chardin: Caso Reaberto*; etc.]

COX, Harvey:

1974, *A Festa dos Foliões*. Um ensaio teológico sobre festividade e fantasia. Petrópolis: Vozes.

CRITIQUE Revue générale des Publications françaises et étrangères:

2012, *Biographies – modes d'emploi*. Paris: Édit. Minuit. [Todo o volume é bom, mas sobretudo o terceiro ensaio: “Histoires d’Historiens”, que examina historiadores como Pierre Nora e Marc Ferro].

CROCE, Benedetto:

1962, *A História como Pensamento e Ação*. Rio de Janeiro: Zahar. [Concepção da história como pensamento e ação leva excelente reflexão da historiografia em suas relações com certeza e verdade, política, moral, história e utopia].

DANIÉLOU, Jean:

1953, *Essai sur le Mystère de l’Histoire*. Paris: Seuil. [Não existe nenhuma teoria definitiva do sentido da História, e o autor reflete sobre isso numa perspectiva teológica].

DAUMAS, Maurice (sous la direction de):

1957, *Histoire de la Science*. “Encyclopédie de la Pléiade”. Paris: Gallimard. [Não fosse pela data da obra, já antiga mais de meio século, ela seria uma das mais completas e interessantes, pela perspectiva adotada e pelo amplo espaço oferecido às Ciências do Homem e Soais. *Colaboradores*: Arthur Birembaut, Antoine Bonifacio, Pierre Brunet, Maurice Caullert (da Academia das Ciências), Lucien Daumas, Maurice Daumas, Pierre Humbert, Robert Lenoble, Paul Lester, François Le Terrier, Paulette Marquer, Alfred Sauvy, Evry Schatzman, Gilbert Simondon, René Taton, Rodolphe Viallard. E o conteúdo nos temas seguintes: Esboço de uma História da Vida Científica; A Ciência da Antiguidade e da Idade Média; Origens do Pensamento Científico Moderno; As Matemáticas; O Mundo Físico; As Ciências Biológicas; As Ciência do Homem].

DE CERTEAU, Michel:

1973, *L’absent de l’Histoire*. Coll. Repères. Paris: [Bela reflexão sobre o discurso cujo objeto é a ausência; e no capítulo final: História e mística].

1975, *L’Écriture de l’Histoire*. [Uma das melhores historiografias contemporâneas].

1982, *La Fable mystique XVI^e-XVII^e siècle*. Paris: Gallimard. [Continua a exploração].

1987, *Histoire et Psychanalyse entre science et fiction*. Paris: Gallimard. [Sobretudo os Caps. 4 e 5: “L’Histoire, Science et Fiction” e “Psychanalyse et Histoire”, renovadores].

1991, *Histoire, mystique et politique*. Um encontro com Luce Giard, Hervé Martin e Jacques Revel. Grenoble: Jérôme Millon. [Discute com outros especialistas].

DELUMEAU, Jean:

1977, *Le Christianisme va-t-il mourir?* Paris: Hachette. [Professor do Collège de France, que se tornou reconhecido por seus trabalhos sobre a cultura e a sociedade na história da época moderna. Capítulos fundamentais “Ambiguidade da História Cristã”, “Os Caminhos do Futuro”, mas sobretudo seu último texto “O Prescrito e o Vivido”, que constitui uma aula de historiografia a respeito da sociologia e história das mentalidades].

1984, *A CIVILIZAÇÃO DO RENASCIMENTO*, 2 vols. Lisboa: Editorial Estampa. [Uma das excelentes obras desse mestre da História, onde examina “A Promoção do Ocidente”, “Linhas de Força” (explosão da nebulosa cristã, os descobrimentos, renascimento e antiguidade, renascimento como reforma da Igreja), “A Vida Material”].

1992, *Une Histoire du Paradis*. t. I: Le Jardin des délices. Paris: Fayard.

1995, *Une Histoire du Paradis*. t. II: Mille Ans de Bonheur. Paris: Fayard. [Excelente história dos movimentos milenaristas até o séc. XX].

2003, *O que sobrou do paraíso?* São Paulo: Cia. das Letras. [Toda a obra deste grande historiador contemporâneo, com quem tive a feliz relação amiga, sobretudo quando fiz um Pós-Doutorado com ele no Collège de France, são de enormes contribuições sobre a história religiosa dos tempos modernos e mais ainda nesses três volumes].

DE MARTINO, Ernesto:

1962, *Furore - Simbolo – Valore*. Milano: Feltrinelli. [antropologia histórica e cultural].

1977, *La fine del mondo. Contributo all'analisi delle apocalissi culturali*. Torino: Einaudi. [Excelente antropólogo italiano cujas obras se dão nessa perspectiva da relação da história com a antropologia].

DESROCHE, Henri:

1969, *Dieux d'Hommes*. Dictionnaire des Messianismes et Millénarismes de l'Ère Chrétienne. Paris – La Haye: Mouton. [Livro amplo nessa área complexa. Além do dicionário, a melhor parte desta obra é a longa Introdução teórica sobre o tema].

1978, *Sociologia da Esperança*. São Paulo: Edições Paulinas. [Plenitudes da esperança: sonho em vigília, ideação coletiva, espera efervescente, utopia generalizada; milenarismos de váriada origem cultural, consciência e memória coletiva, utopias milenazantres, etc.].

1985, “Messianisme”, *Encyclopaedia Universalis*, v. 11. Paris: Encyclopaedia Univerversalis Éditeur, pp. 1166-1170.

DEVEREUX, G.:

1970, *Essais d'Ethnopsychiatrie générale*. Paris: Gallimard.

DI BERARDINO, Angelo (org.):

2002, *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes/Paulus. [Obra de grande envergadura, cujos verbetes às vezes chegam a ser ensaios e a participação de 167 especia listas. Chamo a atenção de conceitos que são instrumentos de análise, como: *escatologia*, *milenarismo*, *protologia* (como sinônimo de escatologia e mais outros significados), etc.].

DOBRORUKA, Vicente:

2004, *História e Milenarismo – ensaios sobre tempo, história e milenarismo*. Brasília: Editora UnB.

DUBY, Georges:

1975, *L'An Mil*. Coll. “Archives”. Paris: Gallimard - Julliard. [Este é dos grandes autores da história, sobretudo em sua vertente cultural].

1998, *Ano 1000, Ano 2000 – Na pista de nossos Medos*. São Paulo: Ed. Unesp. [Mais de 20 anos depois, ele retoma a mesma temática numa perspectiva atual].

DUPRONT, Alphonse:

1960, “Croisades et eschatologie”, in CASTELLI, E. (org.): *Umanesimo e esoterismo*. Atti del Convegno Internazionale di Studi Umanistici. Padova: Milani.

1987, *DU SACRÉ – Croisades et pèlerinages*. Images et langages. Paris: Gallimard.

DURKHEIM, Émile:

1968, *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse*. (Le Système totémique en Australie), 5^a éd. Paris: PUF. [Esta é um clássico do pensamento sociológico; uma das melhores obras de Durkheim, onde ele amplia sua compreensão dos fenômenos socioculturais. Só lendo!].

EAGLETON, Terry:

1978, *Marxismo e Crítica Literária*. Porto: Afrontamento. [Em especial os dois capítulos iniciais: “Literatura e História” e “Forma e Conteúdo”, pp. 15-52].

ECO, Umberto:

2013, *Da Árvore ao Labirinto*. Rio de Janeiro e São Paulo: Edit. Record. [Numa obra de mais de 600 páginas, este mais amplo pensador do Ocidente refaz analiticamente a história das várias teorias do signo e das interpretações, no conjunto das filosofias da linguagem, ampliando o horizonte das relações entre Semiótica e História]

ELIADE, Mircea:

1957, *Mythes, Rêves et Mystères*. Paris: Gallimard.

1962, *Méphistophélès et l’Androgyne*. Paris: Gallimard.

1963, *Aspects du Mythe*. Paris: Gallimard.

1969, *Le Mythe de l’Éternel Retour – archétypes et répétition*. Paris: Gallimard.

1978, *La Nostalgie des Origines – Méthodologie et histoire des religions*. Paris: Gallimard.

1978-79, *História das Crenças e da Idéias Religiosas*. Tomo I Da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis, Vol. 1 Das Origens ao Judaísmo. Vol. 2 Dos Vedas a Dioniso. Tomo II De Guatama Buda ao Triunfo do Cristianismo. Volume 1 Das religiões da China antiga à Síntese Hinduísta. Volume 2 Das Provações do Judaísmo ao Crepúsculo dos Deuses. Tomo III De Maomé às Teologias Ateístas Contemporâneas. Rio de Janeiro: Zahar. [Um dos mais Notáveis Historiador das Religiões, professor da Universidade de Chicago e da Sorbonne, autor de vasta obra de que cito pequena parte, por isso mesmo é difícil resumir aqui o extenso horizonte que examinou].

ENCYCLOPÉDIE DE LA PLÉIADE, v. 11 ;

1986, *L'HISTOIRE ET SES MÉTHODES*. Publié sous la direction de Charles SAMARAN, de l'Institut. Paris: Gallimard. [Esta grande obra de quase 2.000 páginas, 35 colaboradores, constitui excelente análise das Ciências da História].

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA:

1964, “ESCHATOLGY”, v. 8, pp. 694-697. Chicago, etc.: Encyclopædia Britannica, Inc. [O texto distribui seu conteúdo em duas grandes partes: NON HISTORICAL ESCHATOLGY e HISTORICAL ESCHATOLGY; a primeira examina *Eternalistic eschatology*; e a outra expõe os tópicos: *Old Testament Eschatology, Judaism, Early Christianity, Later Developments, The Middle Ages, The Reformation, Religious Liberalism, 20th-Century Theology*].

ENGELS:

1978, *La Guerra Campesina en Alemania*. Moscú: Editorial Progreso.

ESCOBAR, Carlos Henrique de (org.): S/d., *Psicanálise e Ciência da História*. Rio de Janeiro: Eldorado. [Com boa introdução do organizador e textos de Reich, Fenichel, Manoni, Foucault, Deleuze, Herbert...]

ESPRIT, v. 2:

1966, PROSPECTIVE ET UTOPIA. Paris. [Raramente inseri revistas nesta bibliografia. Como este periódico é de alto nível cultural, faço exceção: menciono o ensaio de Paul Ricœur sobre *prospectiva e escolha*; o ensaio de Henri Desroche: *Viagem em Ucoopias...*; e o de Philibert Secretan: *Alexis Tocqueville, prognóstico e profecia*; e, enfim, o de Jean-Marie Domenach: *Nota sobre o bom uso do futuro*].

ESPRIT, v. 4:

1974, L'UTOPIE OU LA RAISON DANS L'IMAGINAIRE. Paris. [Há uma introdução geral por J-M. Domenach, e alguns dos bons ensaios de que destaco o de Bernard Vincent: *Paul Goodman ou o paradigma perdido*; e o texto do pensador e psicoterapeuta Paul Goodman: *O realismo utópico*, etc.]

EWALD, Ariane P. (org.):

2011, *Subjetividade e Literatura: harmonias e contrastes na interpretação da vida*. Rio de Janeiro: NAU Editora / FAPERJ. [Obra extensa pela variedade de seus ensaios, dos quais destaco: 'Ciência e Literatura nas origens das Ciências Sociais no Brasil', 'História, Literatura e Subjetividade', 'O movimento entre a estética e a ética em Sartre: a prosa e a compreensão dos paradoxos humanos', etc.].

FILORAMO, Giovanni:

2002, "Escatologia", in AA. VV.: *Dicionário Patrístico...*, op. cit., 487-9.

FOCILLON, Henri:

1977, *O Ano Mil*. Lisboa: Editorial Estampa. [Um dos bons historiadores sobre o ano 1.000]

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho:

2012, *A Construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI. XVII e XVIII*. Antologia de Textos 1591-1808. Rio de Janeiro: J. Olympio e São Paulo: Edit. UNESP. [Na Parte I, 'A Construção do Brasil

nas relações de viagem dos séculos XVI a XVIII’; na Parte II ‘A Antologia de textos (1591-1808)’ com 31 autores].

FRANCO JR., Hilário:

1992, *As Utopias Medievais*. São Paulo: Brasiliense. [O autor descreve e comenta várias formas de utopia entre o século V e XV da Europa ocidental cristã, tudo isso a partir deste aforismo frequente entre os estudiosos: As utopias fazem a História e a História faz utopias.]

FREY, Narthrop:

1984, *LE GRAND CODE – La Bible et la Littérature*. Préface de Tzvetan Todorov. Paris: Seuil.

1994, *LE GRAND CODE - La Parole Souveraine*. La Bible et la Littérature II. Paris: Seuil.

FURTER, Pierre:

1974, *A DIALÉTICA DA ESPERANÇA – Uma interpretação do pensamento utópico de Ernest Bloch*. Rio: Paz e Terra. [Este grande amigo, pensador e educador, que morreu em Genebra de Covid-19 em 2020, entre várias obras que deixou fez esta que é um dos melhores exames desse outro excelente pensador E. Bloch].

GADAMER, Hans-Georg:

1996, *Le Problème de la Conscience Historique*. Paris: Seuil. [As conferências que compõem esta obra, foram feitas em francês em 1958 no Instituto de Filosofia da Universidade de Louvain e traz uma Introdução em inglês para sua publicação na Revista da *New School for Social Research*, New York, 1975: Problemas Epistemológicos das Ciências Humanas; Alcance e limites da obra de Wilhelm Dilthey; Martin Heidegger e a significação de sua “hermenêutica da facticidade” para as Ciências Humanas; Esboço dos fundamentos de uma hermenêutica; etc.].

GANDILLAC, Maurice de:

1995, *Gêneses da Modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. 34. [Série de ensaios analítico do sistema cultural desde a Idade Média até a época

moderna, terminando por um estudo admirável “Viagens alegóricas e utópicas de Dante, Morus, Rabelais, Campanella e Bacon”].

GARDINER, Patrick:

1984, *TEORIAS DA HISTÓRIA*. Tradução de Vítor Matos e Sá, 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (O tradutor, professor em Coimbra, faz uma excelente introdução à obra). [Professor em Oxford, Gardiner, nesta obra monumental, examina na I. Parte a Filosofia da História de Vico a Collingwood, todos os clássicos nessa perspectiva; e na II. Parte, examina as Perspectivas Recentes sobre o Conhecimento Histórico e sua Explicação: a crítica às teorias da história, a explicação e leis, a história e as ciências sociais, em suma de Karl Popper a Ernest Gellner].(720pp.)

GAUCHET, Marcel:

2002, *Philosophie des Sciences Historiques – Le moment romantique*. Paris: Seuil. [Textos de P. Barante, V. Cousin, F. Guizot, J. Michele, F. Mignet, E. Quinet, A. Thierry, reunidos e apresentados pelo organizador].

GINZBURG, Carlos:

1989, *Mythes, Emblèmes, Traces*. Morphologie et Histoire. Paris: Flammarion.

GLÉNISSON, Jean:

1961, *Iniciação aos Estudos Históricos*, com a colaboração de Pedro Moacyr Campos e Emília Viotti da Costa. São Paulo: DIFEL. [No meu entender, uma das melhores obras feita no Brasil sobre o tema; os dois colaboradores fizeram “esboço da historiografia brasileira dos séc. XIX-XX, tendências da historiografia contemporânea].

GOODY, Jack:

1986, *La Raison Graphique - la domestication de la pensée sauvage*. Traduzido do inglês por Jean Bazin et Alban Bensa, que fazem excelente apresentação. Paris: Minuit.

1986, *LA LOGIQUE DE L'ÉCRITURE* – Aux origines des sociétés humaines. Paris: A. Colin.

2008, *O Roubo da História* (Como os europeus se apropriaram das idéias e invenções do Oriente. São Paulo: Contexto.

2011, *Renascimentos um ou muitos?* São Paulo: Editora UNESP. [Nesta obra, espécie de ápice de suas investigações, autor analisa o renascimento no Islã, no Judaísmo e na China, comparando-os com renascenças européias].

2012, *O Mito, o Ritual e o Oral*. Petrópolis: Vozes. [Das mais de 20 obras desse grande antropólogo e historiador são resultados de suas pesquisas e reflexões sobre nossa evolução cultural social. Professor emérito de Antropologia Social da Universidade de Cambridge e do St. John's College, realizou pesquisas em várias partes do mundo; é membro da Academia Britânica e Membro Honorário Estrangeiro da Academia Americana de Artes e Ciências; eleito em 2004 para Academia Nacional de Ciências].

GRANT, Edward:

2009, *História da Filosofia Natural* – Do mundo antigo ao século XIX. S. Paulo: Madras. [É uma história competente da Filosofia Natural do Egito antigo e Platão, passando pela Idade Média e suas transformações até o final século XIX].

GRENIER, Jean-Yves, GRIGNON, Claude, MENGER, Pierre-Michel (dir.):

2001, *LE MODÈLE ET LE RÉCIT*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme. [Obra volumosa pelas proposições feitas num grande Simpósio, das quais sublinho em especial a primeira parte I. Inventário, balisamentos, proposições: 'A formalização e as ciências do relato histórico...', 'Do bom uso do modelo na História', 'Formalização, racionalidade e História', etc.].

GUARDINI, Romano:

1954, *El Mesianismo en el Mito, la Revelación y la Política*. Madrid: Rialp.

GUENÉE, Bernard:

1991, *Histoire et Culture Historique dans l'Occident Médiéval*. Paris: Aubier Montaigne. [Teoria da História e de como historiadores constroem a cultura histórica do tema].

HEGEL, G. W. F.:

1986, *La Raison dans l'Histoire*. Paris: 10 / 18.

HENTSCH, Thierry:

2002, *Raconter et Mourir – L'Occident et ses grands récits*. Rosny-sous-Bois: Éditions Bréal. [Uma das melhores análises das maiores narrativas do Ocidente e suas repercussões].

HERMANN, Jacqueline:

1998, *No Reino do Desejado*. (A construção do sebastianismo em Portugal, séculos XVI e XVII). São Paulo: Companhia das Letras.

HERÓDOTO: S/d., *HISTÓRIA*. Tradução de J. Brito Broca. Estudo Crítico de Vitor de Azevedo. Rio de Janeiro: Edições de Ouro. [Esta edição corresponde àquela publicada em dois volumes pela W.M. Jackson Inc., Rio, S. Paulo e Porto Alegre, 1964, cedida para esta com as mesmas notas].

HERVÉ-MASSON:

1984, *Dictionnaire des Hérésies dans l'Église Catholique*. Bourges: Sand.

HOBSBAWM, Eric:

1978, *Rebeldes Primitivos*. Rio de Janeiro: Zahar.

...1998, *SOBRE HISTÓRIA – Ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras. [É uma série de excelentes estudos e conferências, das quais vale registrar: *A história e a previsão do futuro; Todo povo tem história; O presente como história* etc.].

HOLANDA, Sérgio Buarque:

1977, *Visão do Paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 3ª ed. São Paulo: CEN. (Coleção Brasileira). [Após Capistrano de Abreu, Sérgio B. de Holanda é uma das melhores figuras da História e da Historiografia no Brasil. Além de ter deixado um acervo de trabalhos de vária ordem; talvez esta seja a melhor obra do autor, sobretudo por sua vasta erudição, onde analisa o Brasil dentro de enorme quadro da História Cultural do Ocidente. Há edição mais recente, recheada de Anexos e outras informações, publicada pela Companhia das Letras, São Paulo, 2010].

2011, *Escritos Coligidos*, LIVRO I - 1920-1949; LIVRO II - 1950-1979. Organizados por Marcos Costa. São Paulo: Ed. Unesp e Fund. Perseu Abramo. 2 vol. (615p., 485p.). [De toda a importância de suas várias obras fundamentais da História do Brasil, é nesses 2 vol. onde se acham suas melhores reflexões sobre nossa Historiografia].

HORKHEIMER, Max:

1980, *Les Débuts de la Philosophie bourgeoise de l'Histoire*. Paris: Payot [Em especial os capítulos sobre Machiavel, Utopia, Vico e a mitologia].

HORSLEY, Richard A. e HANSON, John S.:

1993, *Bandidos, Profetas e Messias*. Movimentos populares no tempo de Jesus. S. Paulo: Paulus.

HRUBY, Kurt:

1984, "Messianisme Juif", in POUPARD, Paul (dir.): *Op. cit.*, pp. 1098-1100.

HUIZINGA, Johan:

1994, *El Concepto de la Historia* (y otros ensayos). México: FCE. [Ele é autor de um dos monumentos da História contemporânea: *O Outono da Idade Média*; um dos iniciadores de uma história antropológica que pertence a uma espécie em vias de extinção: os humanistas; embora os outros ensaios desta obra sejam importantes, o estudo principal assenta nesta premissa: é totalmente necessário repensar nossas noções mais arraigadas, em especial

as relacionadas com a História e ao que designamos a Cultura humana; nisso ele esteve submerso no passado, apenas para valorizar o presente; por isso examina problemas decisivos na História ocidental da cultura, num poderoso sentido de síntese, num vasto arsenal enciclopédico que utiliza para analisar todas as questões com aguda inteligência. Livro brilhante].

HUMBOLDT, Wilhelm von:

1997, *Escritos de Filosofia de la Historia*. Estudio preliminar, traducción y notas de Jorge Navarro Pérez. Madrid: Tecnos. [Seleciono três ensaios: Sobre as leis do desenvolvimento das forças humanas; Necessidade geral da humanidade de contas a si mesma a cada certo tempo das transformações de seu caráter; Considerações sobre a História Mundial].

HUNKE, Sigrid:

1987, *Le Soleil d'Allah brille sur l'Occident – Notre héritage Arabe*. Traduzido do Alemão por Solange et Georges de Lalène. Paris: Albin Michel. [Eis uma obra revolucionária que analisa longamente toda a herança árabe do Ocidente].

IBN KHALDÛN :

2004, *Discours sur l'Histoire Universelle – Al-Muqaddima* (Prolegômenos). Paris: Actes-Sud. [Deve haver alguma tradução brasileira dessa obra, e sei de edições em italiano, alemão, inglês, árabe, etc. Este estudioso (1332-1406) é sem dúvida o único grande pensador da História que não foi europeu e inegavelmente o maior historiador da Idade Média; em sua obra maior, *O Livro dos exemplos*, ele relata a História universal a partir dos escritos de seus predecessores, de suas observações no curso de suas numerosas viagens e de sua própria experiência...; na Introdução, intitulada *Muqaddima* (Prolegômenos), expõe sua visão do modo *como nascem e morrem os impérios*].

INSTITUTO METODISTA DE ENSINO SUPERIOR:

1983, *Apocalíptica*. Cadernos de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, SP.

JASPERS, Karl:

1965, *Origen y Meta de la Historia*. Madrid: Revista de Occidente. [Ensaio filosófico].

KABLER, Erich:

1966, *¿Qué es la Historia?* México: FCM. [Conhecido historiador expõe em três partes suas reflexões: o significado do significado; a História da História; o significado da História].

KANT, Immanuel:

1964, *Filosofía de la Historia*. Estudio preliminar de Emilio Estiú sobre “La Filosofía Kantiana de la Historia”. Buenos Aires: Edit. Nova. [Escrito em 1784, essa Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita].

KHÉDE, Sonia Salomão:

1984, *OS CONTRAPONTO DA LITERATURA – Arte, Ciência e Filosofia*. Petrópolis: Vozes. [Vários ensaios, sobretudo: Ciência, filosofia e arte; Literatura e Ciências Sociais; Literatura e filosofia; etc.]

KOHN, Hans:

1985, “Messianism”, in SELIGMAN, Edwin R. A. and JOHNSON, Alvin (eds.): *Encyclopaedia of the Social Sciences*, vol. 9. New York: The MacMillan Co., pp. 356-364. [Esta é melhor enciclopédia sobre as Ciências Sociais, com um acervo enorme de temas produzidos por especialistas, como este sobre messianismo].

KÖNIG, Franz (organizador) e WALDENFELS, Hans (editor), com 125 especialistas:

1998, *LÉXICO DAS RELIGIÕES*. Petrópolis: Vozes. [O verbete *Escatologia* é remetido para um tema maior intitulado *Futuro/Além* dividido nos seguintes tópicos: I. Abordagem escatológica; II. Conceitos básicos do “além”; III. Dados da etnologia da religião; IV. No hinduísmo;

V. No budismo; VI. Na cultura chinesa; VII. No judaísmo; VIII. No cristianismo; IX. No islamismo; X. Utopia e realidade. pp. 235-244].

KRAMER, Samuel Noah:

1993, *L'Histoire commence à Sumer*. Préface de Jean Bottéro. Paris: Flammarion. [Este excelente prefácio diz da enorme importância desta obra e grandeza de seu autor: o livro analisa o conjunto dos aspectos culturais e históricos dessa área da Mesopotâmia, em que surge a escrita, talvez a maior invenção da tecnologia cognitiva da humanidade, que permitiu a construção da lógica e da gramática, da história e da civilização].

LA BIBLE:

1989, *La Traduction Œcuménique de la Bible*. Paris: Les Édits. du Cerf - Pierrefitte: Société Biblique Française.

LACROIX, Jean:

1967, *História e Mistério*. São Paulo: Duas Cidades. [Boa reflexão crítica da crise do progresso, da filosofia kantiana da história; economia, moral e política; mistério e razão].

LADRIÈRE, Jean:

1973, *Vie Sociale et Destinée*. Gembloux (Bélgica): J. Duculot. [Sobretudo os capítulos como 'História e destino', 'Técnica e escatologia terrestre', 'Prospecção e utopia', etc.].

LAGRANGE, M.-J.:

1966, *La Méthode Historique*. La critique biblique et l'Église. Paris: Cerf.

LANTERNARI, Vittorio:

1974, *As Religiões dos Oprimidos*. Um estudo dos modernos cultos messiânicos. São Paulo: Perspectiva.

1994, "Messias" e "Milênio", *Enciclopédia Einaudi*, v. 30. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 280-302 e 303-324 respectivamente.

LAPOUJE, G.:

1973, *Utopie et Civilisation*. Paris: Weber.

LECOMTE DU NOÛY, Pierre:

1953, *O HOMEM e o seu Destino*. Porto: Edit. Educação Nacional. [O autor, cientista francês radicado nos EEUU, diz na Introdução: “O propósito deste livro é examinar, criticamente, o capital científico acumulado pelo homem, dele tirando consequências lógicas e racionais. Vamos ver que elas conduzem, necessariamente, à ideia de Deus. Nas duas primeiras partes, ele examina a metodologia científica e a evolução da vida, mas sobretudo na última parte ele examina a evolução do homem e seu destino].

LEFORT, Bernard (coord.):

1995, *Sobre o Fim da História*. Petrópolis: Vozes. [Resulta de um encontro entre vários participantes na discussão da questão: o fim da História?].

LE GOFF, Jacques *et Al.*:

1974, *Hérésies et Sociétés dans l’Europe pré-industrielle (siècle 11^e. – 18^e.)*. Paris – La Haye: Mouton.

LE GOFF, Jacques (Directeur de l’ouvrage) e CHARTIER, Roger – REVEL, Jacques (Directeurs du dictionnaire):

1978, *LA NOUVELLE HISTOIRE*. Les Encyclopédies du Savoir Moderne. Paris: CEPL. [Há nesta obra mui especial os principais conceitos definidos em ordem alfabética, entremeados de ensaios por autores especializados: 1. História Nova, 2. História e longa duração, 3. História das estruturas, 4. Antropologia histórica, 5. História das mentalidades, 6. História da cultura material, 7. História imediata, 8. Marxismo e história nova, 9. História dos marginais, 10. História do imaginário, 11. História da arte.].

LE GOFF, Jacques, LE ROY LADURIE, Emmanuel, DUBY, Georges *et Al.*:

1987, *A Nova História*. Lisboa: Edições 70. [Todos os capítulos são bons; mas o melhor ensaio que ocupa a metade do livro é a discussão “A História – uma paixão nova” de que participam J. Le Goff, Philippe Ariès, Michel De Certeau, E. Le Roy Ladurie et Paul Veyne].

LE GOFF, Jacques et SCHMIT, Jean-Claude, (coord.):

2002, *DICIONÁRIO TEMÁTICO DO OCIDENTE MEDIEVAL*, 2 vols. Bauru, SP: Edusc; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. [No 1º vol. há excelente verbete de Bernard TÖPFER, “Escatologia e Milenarismo”, pp. 353-366].

LE GOFF, Jacques:

1982, *L’Apogée de la Chrétienté v.1180 – v.1330*. Coll. Voir l’Histoire. Paris: Bordas. [É toda a história sociocultural, econômica, política e religiosa do período].

1984, “Escatologia”, *Enciclopédia Einaudi*, v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 425-457.

1985, “Millénarisme”, *Encyclopaedia Universalis*, v. 12. Paris: Encyclopaedia Universalis Édit., pp. 270-272. 1978

1988, *Histoire et Mémoire*. Paris: Gallimard. [Nesta obra, o Autor reproduz alguns de seus capítulos editados na Enciclopédia Einaudi, com várias modificações e com longo Prefácio a esta edição francesa e outro da edição italiana de 1986].

2007, *As Raízes Medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes. [Ensaio histórico].

2009, *Reflexões sobre a História* – Entrevista de Francesco Maiello. Lisboa: Edições 70. [Esta longa entrevista, que deu um livro de 4 caps., permite penetrar no âmago do “laboratório” de um dos grandes nomes da historiografia francesa, que tive a sorte de me tornar amigo quando fiz um pós-doutorado em Paris; entre outros temas, ele examina as relações da historiografia e as ciências humanas, o tempo histórico, o liame entre acontecimento e mudança histórica, a Idade Média, a função do inconsciente e do recalque da história].

1998, *Uma Vida para a HISTÓRIA* – Conversação com Marc Heurgon. São Paulo: Edit. Da UNESP. [A obra percorre toda a formação

do historiador e seu amplo desempenho como pesquisador e professor; ao final, toda a bibliografia de seus trabalhos].

LES ENTRETIENS DE ROYAUMONT:

1961, *Quel Avenir Attend L'HOMME?* Rencontre Internationale de Royaumont (17-20 Mai 1961). Paris: PUF. [Conferências e discussões feitas por filósofos, economistas, sociólogos e historiadores sobre esta questão: QUE FUTURO ESPERA A HUMANIDADE?].

LIBÂNIO, João B. & BINGEMER, M^a Clara L.:

1985, *Escatologia Cristã*. O novo Céu e a nova Terra. Petrópolis: Vozes. [Um dos raros livros da produção nacional sobre essa temática, numa perspectiva brasileira e segundo o aprobe da teologia da libertação; numa sequência que vai da situação da problemática de 'escatologia, utopia e ideologia' num esboço histórico, para examinar o núcleo escatológico fundamental e o sentido da morte e da finalidade].

LIMA, José Lezama:

1988, *A Expressão Americana*. Tradução, introdução e notas de Irlema Chiampi. S. Paulo: Brasiliense. [Poeta e ensaísta cubano, neste livro que resultou de suas conferências no Centro de Altos Estudos de Habana, expõe uma teoria da cultura latino-americana].

LUKACS, Georges:

1975, *La Théorie du Roman*. Paris: Gonthier. [Lukacs é um dos grandes pensadores contemporâneos e este livro é um clássico. Quero distinguir pelos menos o Cap. 2 'O problema da filosofia histórica das formas', e o Cap.5 'Condicionamento e Significação histórico-filosófica do romance', etc.].

MANIERI, Dagmar:

2013, *Teoria da História*. A gênese dos conceitos. Petrópolis: Vozes. [O autor faz um percurso crítico dos instrumentos conceituais ao longo do tempo sobre a condição da História: das antigas concepções gregas,

estoicos e cristãos, a história como experimento do *homo faber* moderno, a *ratio* iluminista, historicismo de Hegel, Comte e o poder da ciência, sentido da história em Marx, história genealógica, a criação histórica em Castoriadis até as atuais concepções desse conhecimento].

MANNHEIM, Karl:

1970, *Ideologia e Utopia*. Introdução à Sociologia do Conhecimento. Porto Alegre: Edit. Globo. [Obra publicada em 1927, que deu origem à sociologia do conhecimento. Em especial a 4ª parte: “A Mentalidade Utópica”].

MARITAIN, Jacques:

1962, *Sobre a Filosofia da História*. São Paulo: Herder.

MARQUES, J. Costa e CARPEAUX, Otto Maria:

1981, “Messianismo” - I (Histórico), *Enciclopédia Mirador Internacional*, v. 14. S. Paulo – Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil, pp. 7486-7490.

MARROU, Henri-Irénée:

1959, *De la Connaissance Historique*. Paris: Seuil. [Conheci em meu tempo de jovem estudante em Paris esse grande historiador que, nessa obra, examina a filosofia crítica da História, seu estado como conhecimento e sua inseparável relação com o historiador e com sua realização com os documentos, o uso do conceito, a explicação e seus limites, o existencial e a verdade da História e sua utilidade.]

MARTINS, Oliveira:

1986, *Sistemas dos Mitos Religiosos*. Pref. do Dr. José Marinho. Lisboa: Guimarães Editores. [Clássico da historiografia portuguesa, divide a obra em 4 livros: Animismo; Naturalismo; Idealismo; Mitologia Cristã].

MAZZOLENI, Gilberto:

1992, *O Planeta Cultural* – Para uma Antropologia Histórica. S. Paulo: EdUSP. [Entre os ensaios: o civilizado na vitrine; relativismo absoluto e História; tempo cíclico e tempo linear; mítico, mágico e Ocidente].

MESLIN, Michel (Sous la direction de):

1984, *LE MERVEILLEUX*. L'imaginaire et les croyances en Occident. Paris: Bordas. [Obra em grande formato sob a direção Michel Meslin, Professor de história comparada das religiões da Universidade de Paris-Sorbonne, com a colaboração de 8 colaboradores especialistas, centra seus estudos sobre este tema fundamental da História Nova: o *imaginário*. Em suma, 'Que é o maravilhoso?', 'O maravilhoso e os homens' – A Antiguidade clássica, O mundo celta, O mundo nórdico e germânico, O mundo medieval: curiosidades profanas, O mundo medieval: Idade Média cristã, As tradições populares do mundo rural, O maravilhoso e o homem contemporâneo; As Formas do Maravilhoso – Lugares imaginários, Bestiário e monstros fabulosos, Seres sobrenaturais, Ações e Dons maravilhosos; Permanência do Maravilhoso.]

MEYER, Jean:

1974, *Apocalypse et Révolution au Mexique*. La Guerre des Cristeros (1926-1929). Coll. "Archives". Paris: Gallimard/Julliard.

MEZAN, Renato:

1985, *Freud, Pensador da Cultura*. São Paulo: Brasiliense / coedição com CNPq. [O autor, doutorado em Filosofia, dedicou todo seu trabalho de pesquisador à análise da vida e pensamento de Freud em relação à cultura; nesta obra, o quarto capítulo extenso e denso (pp. 430-643) examina esse pensamento às voltas com a História].

MONTEIRO, John M. e BLAJ, Ilana (orgs.):

1996, *Histórias & Utopias*. S. Paulo: ANPUH. [Textos do XVII Simpósio Nacional de História, segundo os seguintes temas: "A Utopia Moderna da Europa à América", "Socialismo e Utopia", "Utopia, Cultura, Modernidade", "A Utopia no Mundo Ibérico", "Brasil como Utopia"].

MORAZÉ, Charles – Mélanges en l’honneur de:

1979, *Culture, Science et Développement*. Contribution à une Histoire de l’Homme. Paris: Privat. [Obra em grande formato com as contribuições de 45 especialistas Internacionais, e cujo título e subtítulo resume seu conteúdo].

MÜHLMANN, Wilhelm E.:

1966, *Messianismes Révolutionnaires du Tiers Monde*. Paris: Gallimard.

MÜNTZER, Thomas (1495-1525):

1982, *Écrits Théologiques et Politiques, Lettres Choisies*. Coll. “Christianisme et Révolution dans l’Allemagne du XVI^e Siècle”. Traduction, Introduction et Notes par Joël LEFEBVRE. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.

NICOLAS, Jean (ed.):

1974, *Mouvements Populaires et Conscience Sociale (s. XVI^e – XIX^e)*. Paris: Maloin.es.a. éditeur.

NIETZSCHE, Friedrich:

2005, *Escritos sobre História*. Rio: EdPUC / São Paulo: Edições Loyola. [Coletânea de ensaios como crítica epistemológica da História].

NOGUEIRA, Carlos Roberto F.:

1991, *BRUXARIA E HISTÓRIA* As práticas mágicas no ocidente cristão. S. Paulo: Ed. Ática. [Autor é Professor de História Medieval na USP. Tais práticas são fenômenos essencialmente histórico; dentro da estrutura entre o universo Imaginário e o universo Real se incluem três segmentos: sociedade ↔ mente humano ↔ natureza, assim como atitudes e comportamentos humanos buscam sua fundamentação para além da realidade; portanto magia, feitiçaria e bruxaria são relações entre os dois universos no processo histórico].

NOVAES, Adauto (org.)

1988, *A Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo: Cia. das Letras. [Esta obra volumosa, destaco dois ensaios: Jean Delumeau, “Uma travessia do milenarismo ocidental”; Marilena Chaui. “Profecias e tempo do fim”].

PARKER, Philip:

2011, *História Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar. [Livro denso, bem estruturado, no grande conjunto das civilizações, boa cronologia, e o estudo das maiores ideias e culturas].

PIRES, António Machado:

1969, *Dom Sebastião e o Encoberto*. Estudo e Antologia. Lisboa: Calouste Gulbenkian.

POLIAKOV, Leon:

1991-2, *A Causalidade Diabólica*, vol. I: Ensaio sobre a origem das perseguições. São Paulo: Perspectiva. [Em especial o cap. “A Demonologia milenarista: Judeus e Jesuítas”].

POMPA, Cristina:

1995, *Memórias do Fim do Mundo*. Para uma leitura do movimento sociorreligioso *De Pau de Colher*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia, Unicamp.

2003, *Religião como Tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. Bauru, SP: EdUSC.

POPPER, Karl R.:

1973, *La Miseria del Historicismo*. Madrid: Taurus. [Uma forte crítica desse filósofo austríaco; sua tese: a de que a crença num destino histórico é pura superstição e que pode haver predição do curso da História humana por métodos científicos ou qualquer outra classe de método racional; crítica o marxismo e outras concepções políticas que estabelecem um destino histórico certo].

PORTELLA, Eduardo:

1971, *Literatura e Realidade Nacional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. [Os dois primeiros capítulos dizem algo sobre nosso tema: “Circunstância e Problema da História Literária” e “Literatura e Realidade Nacional”].

POSWICK, R.-Ferdinand et RAINOTTE, Guy (Coordination générale):

1985, *DICTIONNAIRE DE LA BIBLE et des religions du Livre – Judaïsme/Christianisme/Islam*. Turnhout (Bélgica): Brepols. Com a colaboração de 66 especialistas. [Obra em grande formato, com atlas, quadros, ilustrações, etc. e o Dicionário].

POUPARD, Paul (dir.):

1984, *Dictionnaire des Religions*. Paris: PUF. [Em especial os verbetes relacionados com a temática deste ensaio: *apocalypse, apocalyptique, fins dernières, gnosticisme, messianisme, millénarisme, paradis, parousie, règne de Dieu, réssurrection, shéol*, etc.].

QUEIROZ, M^a Isaura P. de:

1973, *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. 2^a ed. Prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa - Omega.

QUEIROZ, M^a Isaura P. de e AMORIM, Paulo Marcos de:

1981, “Messianismo” - II (Portugal e Brasil), *Enciclopédia Mirador Internacional*, v. 14. São Paulo - Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil, pp. 7490-7494.

RANCIÈRE, Jacques:

2014, *Os Nomes da História*. Ensaio de poética do saber. São Paulo: Edit. Unesp. [O autor é Professor Emérito da Universidade de Paris VIII (St. Denis) e elabora densa análise do surgimento de nova perspectiva da historiografia atual: como se a História, para tornar-se ciência, usa artifícios de linguagem, só assim pode articular num discurso único três vertentes científica, narrativa e política].

RENAN, Ernest:

1982, *Marc Aurèle et la fin du monde antique*. Paris: Le Livre de Poche. [Um clássico].

REVISTA USP:

1994, *Dossiê NOVA HISTÓRIA*. N. 23, set., out. nov. São Paulo. [Uma série de ensaios e entrevistas examinando os temas fundamentais da *Nova História* a partir do surgimento desde 1929 dos *Anais de História Econômica e Social* na França].

RIBEIRO, René:

1980, *Antropologia da Religião e outros estudos*. Recife: Editora Massangana. [Em especial os capítulos da III Parte Utopias Religiosas: “Movimentos Messiânicos no Brasil”; “O episódio da Serra do Rodeador (1817-1820)” e “Messianismo e Desenvolvimento”, pp. 219-266].

RICŒUR, Paul:

1955, *Histoire et Vérité*. Paris: Seuil.

1983, *Temps et Récit*. Tome I. Paris: Seuil.

1984, *Temps et Récit*. Tome II: La configuration dans le récit de fiction. Paris: Seuil.

1985, *Temps et Récit*. Tome III: Le temps raconté. Paris: Seuil.

1985b, “Mythe: l’interprétation philosophique”, *Encyclopædie Universalis*. Paris: Encyclopædia Universalis France, v. 12, pp. 883-890.

1997, *L’IDÉOLOGIE ET L’UTOPIE*. Paris: Seuil. [Esta obra amadurecida é tanto uma reflexão sobre os dois temas (a ideologia e a utopia) quanto um percurso esclareedor do conjunto de autores que de diversos modos falaram disso: Saint-Simon, Fourier, Marx, Weber, Mannheim, Althusser, Habermas, Geertz].

2007, *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas, SP: EdUNICAMP. [Obra de grande envergadura, distribuída em quatro Partes: ‘Da Memória e da Reminiscência’; ‘História / Epistemologia’; ‘A Condição Histórica’; ‘Epílogo: O Perdão Difícil’, e traz boa reflexão sobre História e Escatologia].

RICŒUR, Paul et al.:

1975, *As Culturas e o Tempo*. Petrópolis: Vozes / São Paulo: EdUSP. [Obra coletiva sobre as concepções culturais do tempo, com excelente Introdução de Ricœur e um ensaio do historiador russo A. Y. Gourevitch “O tempo como problema de história cultural”].

RODRIGUES, Antonio Edmilson M. e KAMITA, João Masao:

2018, *História Moderna – Os momentos fundamentais da Cultura Ocidental*. Rio de Janeiro: EdPUC / Petrópolis: Vozes. [Entre tradições e novidades: reflexões sobre o estabelecimento do novo na cultura europeia; A arte no Renascimento e no Barroco].

ROMANO, Ruggiero (Diretor):

1984, *ENCICLOPÉDIA EINAUDI*, volume 1 Memória – História. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. [Esta é grande enciclopédia em 43 volumes, feitos de ensaios por especialistas a partir dos grandes conceitos].

ROMERO POSE, Eugenio:

2002, “Apocalipse” e “Apocalíptica”, in AA. VV.: *Dicionário Patrístico*, op. cit., pp. 126-8.

ROSENFELD, Kathrin H. (org.):

2001, *Filosofia & Literatura: o Trágico*. Rio de Janeiro: Zahar. [Ensaio excelentes, de que não é fácil selecionar, em especial: Os lugares da tragédia; a banalidade do trágico; a morte do herói(co); Indivíduo contra a massa...; etc.].

SAN AGUSTIN:

1943, *La Ciudad de Dios*, 2 vols. Buenos Aires: Editorial Poblet. [Uma das clássicas ‘teologias da História’, dentro de sua filosofia cristã].

SANTAYANA, George:

1952, *TRES POETAS FILÓSOFOS* – Lucrecio, Dante, Goethe. Traducción de José Ferrater Mora. Buenos Aires: Editorial Losada. [O que mais importa neste livro é o fato do bom filósofo Santayana sublinhar o valor enorme desses poetas para nossa história cultural].

SAZBÓN, José:

1975, *Mito e Historia en la antropología estructural*. Buenos Aires: Nueva Visión. [O melhor capítulo deste ensaio é o primeiro: El pensamiento mítico, pp. 7-57].

SCHELER, Max:

1966, *La Idea del Hombre y la Historia*. Buenos Aires: Siglo Veinte. [Mais impressionante introdução à antropologia filosófica de Max Scheler].

SEGATTO, José Antonio e BALDAN, Ude (orgs.):

1999, *Sociedade e Literatura no Brasil*. S. Paulo: Editora UNESP. [Boa série de ensaios, em especial: Sociologia e literatura; Imagens da República; Literatura e regionalismo; Cidadania de ficção; etc.].

SÉGUY, Jean:

1993, “Messianisme et millénarisme. Ou l’attente comme catégorie de l’agir social”, in CHAZEL, Fr.: *Actions Collectives et Mouvements Sociaux*. Paris: PUF. [Este artigo traz importante bibliografia sobre o tema].

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.):

2003, *HISTÓRIA, MEMÓRIA, LITERATURA* – O Testemunho na Era das Catástrofes. Campinas (SP): Editora UNICAMP. [Esta é obra composta e talvez entre os muitos ensaios os melhores sejam os do Organizador. Boas análises que se fazem sobre as narrativas de traumas existenciais que marcam as épocas, narrativas que visam não só ao “esquecimento”, mas que buscam o testemunho no sentido histórico].

SIMONNETTI, Manlio:

2002, “Milénarismo”, in AA. VV.: *Dicionário Patrístico...*, op. cit., pp. 936-7.

SIQUEIRA, Antônio Jorge de:

1970, *Le Messianisme dans le Nordeste du Brésil*. Paris: École Pratique des Hautes Études. [Tese de Doutorado].

SOUILLER, Didier:

1988, *La Littérature Baroque en Europe*. Paris: PUF. [O lado mais importante desta obra é sua Primeira Parte, que traduzo num resumo: Situação Histórica – Barroco e a crise da consciência europeia (1580-1640): 1. A História eventual, após o “Belo século XVI...”; 2. A contribuição da História das Mentalidades; 3. A História da Idéias; 4. A História Literária].

SOUSA, Eudoro de:

1981, *História e Mito*. Brasília: Editora da UnB. [Este estudioso português formou várias gerações de jovens estudiosos, como grande helenista, professor da UnB; na perspectiva deste ensaio seu melhor texto do livro é “A Grécia e a História”].

SPENGLER, Oswald:

2013, *A Decadência do Ocidente – Esboço de uma Morfologia da História Universal*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. [Spengler, como Lukács e Toynbee, faz parte das ideologias contemporânea da *decadência*, já que os ideólogos do *progresso* – dois conceitos que não se oponham diretamente – não sejam adeptos do declínio. Indaga de início: “*Existe uma lógica da História?*” Talvez na própria vida, visto que a história humana é o conjunto de grandes correntes vitais, e quando se fala “antiguidade clássica”, “cultura chinesa” ou “civilização moderna”, seria possível buscar uma direção nos conceitos de nascimento, morte, juventude, velhice, duração de vida (organismo). Ele se dizia discípulo de dois grandes mestres. Goethe e Nietzsche...].

TAUBES, J.:

1947, *Studien zur Geschichte und System der abendländischen Eschatologie*. Bern: Rösch und Voght. [Desconheço esta obra que, no entanto, é bem referida e cujo título exprime sua relevância: *Estudos de História e o sistema de Escatologia ocidental*].

TOSH, John:

2011, *A Busca da História*. Objetivos, métodos e as tendências no estudo da história moderna. Petrópolis: Vozes. [Excelente texto de historiografia e teoria da História].

TOYNBEE, Arnold:

1953, *A Civilização posta à prova*. São Paulo: CEN. [Como o próprio título menciona: são várias reflexões históricas os problemas atuais da civilização].

1973, *A Sociedade do Futuro*. Rio de Janeiro: Zahar. [O sentido da vida e suas relações com a tecnologia, religião e educação].

1987, *UM ESTUDO DA HISTÓRIA* – ed. revisada e condensada por Arnold Toynbee e Jane Caplan. S. Paulo: Martins Fontes / Brasília: EdUNB. [Obra de grande formato, uma das grandes interpretações das Histórias e das Civilizações. Historiador profissional, professor de Oxford, esta sua grande obra foi formada ao longo dos anos: sua primeira versão, em 6 volumes datados de 1934 a 1939; um compêndio realizado em 1946, traduzidos em várias línguas; 4 volumes suplementares surgem em 1954, seguidos de um volume com atlas e índices e, finalmente, um 12º volume de respostas às críticas, *Reconsiderations* (1961).]

TUCÍDIDES:

2001, *História da Guerra do Peloponeso*, 4ª ed. Trad. do Grego de Mário da Gama Kury. Prefácio de Hélio Jaguaribe. Brasília: Editora da UnB.

VALENTE, Waldemar:

1963, *Misticismo e Região*. Aspectos do sebastianismo nordestino. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.

VAZ, Henrique C. de Lima, S.J.:

1968, *Ontologia e História*. São Paulo: Duas Cidades. [Começa por discutir a ontologia onde a dialética das ideias em sua historicidade; para concluir sobre a reflexão histórica na sua consciência e dimensões].

VELHO, Otávio:

1995, *Besta-Fera: recriação do mundo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

VEYNE, Paul:

1976, *LE PAIN ET LE CIRQUE* Sociologie Historique d'un Pluralisme Politique. Paris: Éditions du Seuil. [Um dos grandes historiadores franceses, professor do Collège de France, a chave deste livro é a noção equivocada de *símbolo*: uma satisfação que envia a uma outra coisa, um imaginário que evoca a luta interna das consciências, tanto em Roma quanto na Grécia].

1982, *Como se Escreve a História*. Brasília: Ed UNB. [Além de bom historiador, o autor é também bom historiógrafo e estudioso da lógica da História; ele divide este que é um dos melhores ensaio em três partes: o objeto da História, a compreensão, e o progresso da História]. *Infelizmente a tradução da UnB não é bem-feita*).

VICO, Giambattista:

1993, *La Science Nouvelle (1725)*. Paris: Gallimard. [Da sua sabedoria poética e a marcha das nações, etc.].

VIEIRA, António:

1993, *Apologia das Coisas Profetizadas*. Organização e fixação do texto de Adma Fadul Muhana. Lisboa: Cotovia.

2005, *HISTÓRIA DO FUTURO* – Esperanças de Portugal e Quinto Império do Mundo. Organizador da edição José Carlos Brandi Aleixo, SJ. Prefácio de Lauro Morhy. Apresentação do Organizador. Pe. António Vieira: traços marcantes da vida e da obra, do Organizador. Introdução à *História do Futuro*, de Andréia Costa Tavares. [Vieira é sem dúvida um dos melhores espírito da civilização Luso-brasileira. Que Fernando Pessoa,

em sua Obra Poética, chamou-o de Imperador da Língua Portuguesa. Esta é a melhor edição desta obra em sua riqueza de interpretação, dessa que é a sua utopia concreta; repletas de ilustrações históricas, vocabulário, etc.]

WEBER, Alfred:

1957, *Sociología de la Historia y de la Cultura*. Buenos Aires: Galatea-Nueva Visión. [Uma sociologia da história e da cultura como teoria estrutural da História].

WEBER, Max:

1964, *L'Éthique Protestante et l'Esprit du Capitalisme*. Suivi d'un autre essai. Traduit de l'allemand par Jacques Chavy. Paris: Plon.

1969, *Le Judaïsme Antique*. Traduit de l'allemand par Freddy Raphaël. Paris: Plon

1996, *Sociologie des Religions*. Paris: Gallimard.

WELLS, H. G.:

1940, *HISTÓRIA DO FUTURO*. São Paulo: CEN. [Original: *The shape of things to come*, 'as formas das coisas por vir', que Monteiro Lobato traduziu pelo título acima; são coisas como: hoje e amanhã – prenúncios do desapontamento; depois de amanhã – a era do desapontamento; ressurreição do mundo – nascimento do estado moderno; o estado moderno militante; o estado moderno no controle da vida].

WHITE, Hayden:

1994, *Trópicos do Discurso* – Ensaio sobre a crítica da Cultura. S. Paulo: EdUSP. [O fardo da História; interpretação na História; o texto histórico como artefato literário; as ficções da representação factual; etc.].

WIDGERY, Alban G.:

1965, *Les Grandes Doctrines de l'Histoire de Confucius à Toynbee*. Paris: Gallimard. [Longo tratado que tenta examinar: Concepções gerais da História no Oriente e no Ocidente; na segunda parte, teorias particulares da História no Ocidente da Renascença ao século XIX; que conclui com em ensaio sobre os Historiadores em busca de uma filosofia da História].

WILSON, Robert R.:

2006, *Profecia e Sociedade no Antigo Israel*, 2ª edição revista. São Paulo: Paulus. [Em especial o capítulo II sobre A Profecia nas Sociedades Modernas].